Pecado e Perfeição

Uma avaliação das crenças fundamentais da igreja adventista do sétimo dia.

Ezequiel Gomes

GOMES, Ezequiel. Pecado e perfeição: uma avaliação das doutrinas da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Publicação particular, 2017.

Palavras-chave:
1. Igreja Adventista do Sétimo Dia - Doutrinas
2. Pecado
3. Perfeição
4. Crenças Fundamentais

Contato: ezeksalt@hotmail.com

Trabalho gráfico: Jonathan Hoepers

Prefácio

Esse livro é um pequeno fruto de anos de meditação e estudo da teologia adventista em torno daqueles que são, creio eu, os assuntos mais fundamentais de nossa fé: pecado e perfeição. Toda a nossa compreensão da Bíblia e do Espírito de Profecia, toda a nossa compreensão da história e do processo da salvação, indo da criação ao novo céu e nova terra e passando por toda a história humana, bem como todas as nossas doutrinas distintivas terminam encontrando nessas duas doutrinas um ponto de convergência natural e inevitável. Precisamos pensa-las.

A circunstância de concepção e produção desse material, porém, ocorreu dentro de um contexto pessoal muito difícil da minha vida. Era o primeiro semestre de 2016 e eu atuava como pastor e professor de religião no colégio do Camar (Colégio Marechal Rondon) em Porto Alegre-RS, quando após a divulgação de uma foto minha nas manifestações a favor do impeachment de Dilma Roussef, eu fui afastado de minhas funções para procurar um chamado em outro campo, caso contrário eu seria desligado do ministério dentro do período de trinta dias.

Aqueles dias foram bastante angustiosos enquanto eu fazia contatos com diversos líderes de vários lugares na tentativa de resolver o problema que ali estava colocado. Foram nos momentos de "folga", dentro desses trinta dias, que eu decidi levar adiante um

projeto pessoal a fim de ocupar meu tempo além de "espairecer" minha mente e concentrar meu coração em realizar algo que fosse além daquele problema pelo que eu estava passando.

Todos nós pastores da ACSR, tínhamos recebido uma cópia atualizada do chamado "manual da igreja" havia poucas semanas e ao folear o material me deparei com a nova versão das "crenças fundamentais" da IASD, votadas na conferência geral do ano anterior. Li a nova atualização e tive uma ideia: escrever sobre como as doutrinas do pecado e da perfeição cristã devem ser entendidas a partir de cada uma de nossas crenças fundamentais.

Esse projeto me pareceu bastante saudável em função de tudo o que estava ocorrendo em minha vida e ele indicaria algumas coisas para mim mesmo. Primeiro de tudo, eu não deixaria de amar a igreja e servi-la em função de qualquer dificuldade que estivesse tendo ou viesse a ter. Não me tornei líder da igreja em troca de salário ou posição, mas o fiz movido pelo ideal de edificar a igreja na verdade da Palavra de Deus e não haveria problema que me tiraria desse foco que ainda persigo diligentemente e a cada dia.

Em segundo lugar, entendi que a igreja carece de produção intelectual sobre suas próprias doutrinas e frequentemente dilui sua identidade num pragmatismo raso que muitas vezes torna as pessoas membros de uma instituição sem conhecerem suas crenças com maior propriedade nem saberem se posicionar diante das polêmicas que abundam em torno dessas crenças no contexto da própria comunidade.

Por fim, entendi que deveria ocupar minha mente e meu

coração cumprindo a missão e não paralisando meus esforços em torno de dificuldades pessoais. Muitos homens de Deus sofreram coisas muito piores do que eu estava sofrendo e mantiveram seu foco e interesse no esclarecimento e salvação de pessoas e eu havia decidido seguir o exemplo deles.

Escrevi cerca de 80% do material que hoje chega às suas mãos naquele período, mas não consegui terminar a tempo antes de fazer minha mudança para outro Estado e precisar reorganizar toda a minha em função de uma nova ocupação profissional e em torno de inúmeros novos desafios que surgiram diante de mim a partir daquele momento.

Essa situação toda atrasou grandemente o término do projeto, que só viria a ser concluído praticamente um ano depois de seu início, mas consegui terminar. Em abril de 2017 eu recuperei o arquivo incompleto e me dediquei a reler seu conteúdo, melhorar o que estava ruim e terminar de escrever e o resultado está agora disponível ao público de forma gratuita na internet em forma de um despretensioso livro digital: simples, objetivo e curto, mas com uma mensagem de amplo significado e abrangência teológica.

Pensar no pecado humano, seja o nosso próprio ou o de qualquer outro, é uma tarefa que nos conduz à escuridão e ao mal em nossa própria natureza e essência e essa não é uma jornada fácil para quem leva tais realidades a sério, como se deve fazer. Por outro lado, a ideia da "perfeição" nos ajuda a vislumbrar o exato oposto das trevas malignas do pecado e nos dá um norte que nos ajuda a não desesperar diante do imenso problema que a queda trouxe a

esse mundo.

Seja como for, pecado e perfeição são doutrinas profundas, complexas, em tensão entre si e precisam ser trabalhadas com afinco por aqueles que desejam avaliar a natureza do problema em que estão envolvidos (o pecado) e o objetivo do chamado ao qual Deus os chama por sua graça e poder (a perfeição).

Desejo que esse material seja uma bênção para todos que entrarem em contato com seu conteúdo a fim de aprenderem não de mim, mas da revelação bíblica tal como ela é entendida e expressa pelas crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Soli Deo Gloria

Ezequiel Gomes
Jundiaí-SP
Outono de 2017

Introdução

Pecado e perfeição, biblicamente falando, são conceitos que devem ser entendidos e avaliados em conjunto se quisermos compreendê-los de forma adequada. Um tem a função de resguardar os contornos doutrinários do outro para que em defesa de uma ou de outra ideia não venhamos a negar a própria Palavra de Deus, veículo de ambas as mensagens.

"Pecado" é um termo que encarna toda a ideia da imperfeição e é, portanto, tarefa complicada falarmos de "perfeição" num mundo carregado de pecado. Quando contrapomos ambos os conceitos de forma direta, frequentemente temos a tendência de imaginar que mais cedo ou mais tarde precisaremos escolher em qual iremos crer, pois a tarefa de conceituar a ambos levando cada qual a sério o suficiente é um desafio que gera muitas polêmicas e aparentes becos sem saída.

Defender um conceito de "pecado" que não impeça aquele que está envolvido com ele de ser "perfeito" é tão estranho quanto defender que exista um pecador a quem posse se atribuir "perfeição". Com a reflexão, ambos os conceitos parecem entrar em colisão frontal e estraçalharem um ao outro. Mas essa opção está vedada aos teólogos e crentes cristãos.

A mesma Bíblia que defende a universalidade do pecado entre os seres humanos (cf. Ec 7:20; Rm 3:23; 5:12), implica a capacidade

e necessidade de que as pessoas sejam perfeitas (cf. Gn 17:1; Mt 5:48; 19:21-22). Dessa forma, como nos posicionaremos diante dos dilemas que surgem diante dessa forma de colocar a questão é algo que devemos pensar com seriedade.

É fato bastante conhecido que há uma persistente polêmica em torno de tais temas na comunidade adventista e em função disso se torna pertinente avaliar a questão a partir daquilo que define a fé comum de todos dentro da comunidade. Há muitas formas de encarar a questão e naquilo que se segue pretendo oferecer respostas estabelecidas a partir da teologia adventista do sétimo dia, exposta a partir das "crenças fundamentais" da denominação, expostas a partir de seu manual.

Knight (2005, p. 22-23) diz que o adventismo do sétimo dia sempre foi resistente "à tentação de formalizar um credo inflexível, embora tenha com o passar dos tempos definido suas 'crenças fundamentais'". As razões por detrás de tal postura indicam a escolha da igreja por deixar o caminho aberto para futuras revisões de tais crenças.

Com isso, a igreja buscou evitar os problemas relativos à rigidez de um credo estabelecido ao abrir espaço para futuros esclarecimentos e amadurecimentos de sua compreensão doutrinária, ao mesmo tempo em que estabeleceu sua posição nos pontos em que ela julgou essenciais para sua identidade teológica cristã. Isso foi importante, especialmente com vistas ao mínimo controle do "grau de pluralismo" de ideias teológicas que é realidade entre os adventistas (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 639).

O manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia (2016) recebe revisões periódicas de seu conteúdo e sua última atualização ocorreu em 2015, em assembleia da Associação Geral. Nessa obra temos as declarações resumidas das vinte e oito crenças fundamentais da igreja (p. 166-177) em sua última edição e é a esse texto que faremos referência ao longo desse artigo. Buscaremos aqui relacionar brevemente algumas das principais questões em torno das doutrinas do pecado e da perfeição cristã com aspectos teológicos destacados pela igreja adventista em cada uma de suas crenças fundamentais. O objetivo é indicar o sentido e a importância de tais questões para a fé adventista em sua expressão e núcleo mais íntimos.

Antes de prosseguirmos na direção proposta, entretanto, provavelmente fará bem situar o leitor em algumas das principais discussões a respeito desse assunto em sentido geral. Isso será feito de forma extremamente resumida com o objetivo de prepara-lo para algumas conclusões importantes em torno de temas como a distinção entre "perfeição absoluta" e "perfeição relativa", bem como a respeito do conceito chamado "perfeccionismo" versus o conceito de "perfeição cristã". Por fim, falarei brevemente sobre a problemática tendência entre alguns adventistas de usam os escritos de Ellen White para definir os principais contornos doutrinários desses temas em franca rejeição da postura recomendada pela própria mensageira do Senhor, a saber, de que a Bíblia deve estar à dianteira de nossas reflexões teológicas, sendo nossa única regra de fé, doutrina e prática.

Perfeição absoluta X Perfeição relativa

A discussão sobre “perfeição” na IASD inevitavelmente conduz à discussão sobre a natureza absoluta ou relativa de sua manifestação e algumas das implicações inerentes a cada uma das possibilidades interpretativas nessa controvérsia.

Aqueles que defendem a capacidade humana de experimentar “perfeição” num sentido que lhes coloque absolutamente acima da experiência do pecado entendem que o ser humano é capaz de ser “absolutamente perfeito”, pelo menos no que se refere à vitória contra o pecado. Esse grupo entende que somente uma experiência com essa extensão de profundidade é digna de ser chamada, de fato, de “perfeição” ou “vitória”.

Dentro da IASD, porém, há outro grupo, daqueles que defendem que nenhuma experiência humana de perfeição ou vitória contra o pecado, antes da glorificação, se manifesta na vida como perfeição e vitória absolutas em torno de todos os sentidos possíveis dos conceitos de perfeição e de pecado. Essas pessoas entendem que uma pessoa pode ser considerada “relativamente perfeita” e “vitoriosa contra o pecado” ainda que tais qualidades sejam limitadas a algumas questões e não a absolutamente todas.

Essa é uma discussão bastante recorrente e gera acusações de perfeccionismo da parte do segundo grupo para com o primeiro. Antes de adentrar mais profundamente nessa discussão, porém, é interessante notar que algumas pessoas tentem oferecer conceitos diferentes de perfeição absoluta ou perfeição relativa para tentar

minimizar algumas questões que surgem em torno desse assunto.

Em nível popular, é bastante comum vermos adventistas situados no primeiro grupo acima descrito afirmarem que somente Deus é "absolutamente perfeito" e que toda a perfeição que resta às criaturas é, portanto, relativa. Sua argumentação avança desse ponto a fim de dizer que essa relatividade da perfeição humana, porém, não deve ser tomara em "defesa do pecado". Assim, o ser humano, em tese, pode viver sem pecar e ser perfeito mesmo sem ser absolutamente perfeito, igual a Deus. Com isso, se pretende esvaziar acusações e críticas a essa teologia da parte de seus opositores dentro da igreja.

Entretanto, é importante atentar para o fato de que o caráter "absoluto" ou "relativo" do conceito de perfeição defende sempre e inevitavelmente um referencial para ser determinado. Conforme esse referencial é mudado a resposta pela perfeição absoluta ou relativa de determinada entidade pode mudar. Vamos a alguns exemplos:

Se compararmos os anjos perfeitos e sem pecado com Deus perfeito e sem pecado, será que teremos uma perfeição absoluta ou relativa? Se isolarmos o componente da ausência de pecados em ambos (anjos e Deus), então, todos são "absolutamente perfeitos", mas se trabalharmos de forma diferente podemos mudar essa resposta. Se entendermos que Deus tem "perfeições" inatingíveis às obras de suas mãos pelo contraste entre Criador e criaturas termos um quadro diferente para avaliar. Nesse caso, Deus é absolutamente perfeito e os anjos, não. Isso não implica "pecado" da parte desses anjos imperfeitos, apenas implica uma condição criatural menos

perfeita em comparação com a mais elevada perfeição do criador.

A argumentação acima implica que seres humanos podem ser descritos como "absolutamente perfeitos" ou "relativamente perfeitos" em diferentes situações e comparações.

Por exemplo, uma top model milionária e famosa no mundo todo pode ser vista como "absolutamente perfeita" em termos de sua aparência física, como a mulher mais bonita do mundo, isso em comparação com pessoas consideradas menos afortunadas e em termos de tais atributos dentro de padrões específicos de "beleza" em um determinado período da história humana. Pensemos que a mesmíssima top model pode, porém, ser descrita como no máximo "relativamente perfeita" à luz da perfeição física da mulher original criada por Deus da costela de Adão.

É interessante notar também, que a perfeição relativa pode ser descrita agora como uma certa "imperfeição", uma vez que ela permanece a mesma mulher "linda" que é, mas agora comparada com uma ainda mais bonita perde sua cadeira de "absolutamente perfeita" como a mulher "mais bonita".

Na discussão sobre perfeição e pecado, há a mesma dinâmica expressa em exemplos simplistas descritos acima. Se compararmos uma criatura humana com Deus, ela será sempre "imperfeita" ou no máximo perfeita em sentido "relativo", mas se compararmos o ser humano sem pecado com o ser humano com pecado poderemos começar a obter respostas diferentes. Adão e Eva, foram, por um período de tempo, seres humanos sem pecado e Jesus foi um ser humano sem pecado, o tempo todo. Dessa forma, há padrões

"absolutos" de perfeição humana que não tem que ver com a comparação entre criatura e Criador, mas da relação das pessoas com o pecado.

Nessa visão, Adão e Eva e Jesus eram "absolutamente perfeitos", pela inexistência de pecado em sua natureza, inclinações, intenções, pensamentos, atitudes e relacionamentos. Tudo isso, num "estado de perfeição". O problema é que Adão e Eva caíram desse estado de felicidade e glória para um estado de depravação total e, assim, a perfeição humana foi perdida em relação ao pecado. Em outras palavras, todo ser humano peca e nenhum pode ser "absolutamente perfeito". Isso não é um mero juízo sobre a óbvia diferença entre a inatingível perfeição do Criador em relação aos limites das criaturas, isso é um juízo sobre a presença de pecado na criatura humana após a queda como certeza absoluta.

No paradigma criado a partir da queda, nenhum ser humano está sem pecado, ainda que não tenha milhões de pecados específicos e tenha sido "vitorioso" contra vários deles em sua experiência pessoal de conversão e santificação. Uma pessoa pode se converter radicalmente da idolatria para a adoração do único Deus, da imoralidade sexual para a pureza, da transgressão do sábado para a submissão, do assassinato para a valorização da vida, do vício por fumo, bebida e drogas para uma vida temperante, mas nenhum ser humano é absolutamente perfeito em tudo e o tempo todo em relação a todo e qualquer sentido do termo "pecado".

Às vezes, o ex-drogado ainda é, por exemplo, orgulhoso. E nem digo que precise ser o "mais orgulhoso dentre os homens" para ser

pecador, basta ser apenas um homem “relativamente” orgulhoso. Ele pode até, quem sabe, secretamente se sentir um pouquinho superior aos demais homens que ainda são “escravos de vícios” dos quais ele já foi liberto (cf. Lc 18:10-11). Pecado! E ainda que esse não seja o caso com algum homem específico que foi liberto de vícios, esse outro homem tem, certamente, outra imperfeição pecaminosa em algum grau e sentido (cf. 1 Rs 8:46-53). Essa é a doutrina que se estabelece a partir do conceito bíblico da “universalidade do pecado”. Sua rejeição implica a rejeição do que é afirmado com clareza na Palavra de Deus.

Quando falamos em “perfeição relativa”, portanto, estamos afirmando uma perfeição imperfeita à luz do absoluto, mas que ainda assim é vista como real. Assim como no mundo dos homens uma mulher pode ser considerada “perfeita” a despeito de suas imperfeições, o mesmo ocorre no mundo espiritual aos olhos de Deus. Quando o pecador está “em Cristo” pela fé, Deus o considera perfeito apesar da realidade dos seus muitos defeitos e pecados que ele é continuamente exortado a vencer (Rm 3:21-31; 8:1; Cl 1:28; 2:10; 3:14; 4:12; cf. Rm 7:14-21; Cl 1:21-23; 3:5-11).

A argumentação nessa direção incomoda alguns adventistas naquilo em que eles acreditam que ela oferece razões para que pecadores “permaneçam no pecado”, acomodados e indolentes. Esse pode ser um perigo real e que deva ser evitado, mas a melhor forma de tentar alertar as pessoas sobre tais perigos não é construir uma teoria da “perfeição absoluta” que ninguém vive na prática. Em resumo, o perfeccionismo não é a solução do problema que estamos

tratando aqui. Aliás, perfeccionismo? O que é isso?

Perfeccionismo X Perfeição cristã

A discussão das doutrinas do pecado e da perfeição cristã geram muitas acusações de "perfeccionismo" sobre alguns adventistas. O termo, entretanto, é controverso. De forma geral, o perfeccionismo é definido como um: erro, uma heresia, um engano doutrinário em torno da ideia da capacidade humana de experimentar perfeição neste mundo. A ideia da "perfeição cristã", ao contrário, é a tese de que Deus vê "perfeição" naqueles que estão em Cristo em função de sua fé no Salvador e não em função dos crentes serem, de fato, absolutamente perfeitos e isentos de qualquer imperfeição pecaminosa em sua caminhada cristã ou condição atual de existência.

Um dos problemas que existem em função de toda essa discussão é que existem milhões de formas de chegar a uma compreensão equivocada de como o ser humano pode desfrutar de vida perfeita neste mundo e isso acaba complicando um pouco a discussão. No adventismo contemporâneo e no território da Divisão Sul-Americana, em resumo, "perfeccionismo" é um termo pejorativo usado para definir a teoria de que Cristo tinha "natureza pecaminosa" idêntica à natureza pecaminosa de todos os homens e, nessa natureza viveu sem pecar guardando a lei de Deus perfeitamente como exemplo ao homem que, então, precisa duplicar essa perfeição absoluta em sua própria experiência de vida, senão ainda no presente, pelo menos no futuro breve, no mínimo após o chamado "fechamento da porta

da graça" (cf. GOMES, 2014).

Há dezenas de discussões teológicas secundárias implícitas nessa estrutura de pensamento, mas creio que seus fundamentos principais estão evidentes e correspondem a uma espécie de "perfeccionismo" de forma inequívoca. O problema, todavia, é que os próprios adventistas que defendem essa estrutura de pensamento (os pós-lapsarianos) não gostam do termo perfeccionismo e o atribuem à doutrina diversa da deles, a saber, à chamada "doutrina da carne santa" e se sentem injustiçados ao serem rotulados de perfeccionistas (cf. GOMES, 2017).

Ellen White escreveu sobre o chamado "movimento da carne santa" (WHITE, ME, v. 2, p. 31-39; cf. SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 615-616). Esse movimento ensinava abertamente a "perfeição na carne" (WHITE, p. 32), ou seja, uma variante particular da ideia de que é possível à humanidade atingir perfeição (absoluta) ainda nesta vida. A tese específica desse grupo era que "a ressurreição dos mortos já tivera lugar" e eles "declaravam que estavam perfeitos, que corpo, alma e espírito estavam santos" (p. 34).

Segundo Livingston (2012, p. 9), a doutrina da carne santa se desdobrava em quatro posições teológicas fundamentais: (1) Jesus tinha natureza humana não-caída, semelhante à que Adão possuía no Éden antes da queda; (2) A "experiência do jardim" habilita o crente a ter a mesma natureza não-caída de Jesus; (3) quem passar pela experiência do Jardim não será mais pecador; e (4) após a experiência do jardim a pessoa adquiria carne santa e está pronta para a trasladação na volta de Jesus.

Poucas semelhanças existem entre o perfeccionismo pós-lapsariano descrito mais acima com esse perfeccionismo pré-lapsariano da doutrina da carne santa. Essa forma diferente de raciocinar a partir da natureza humana de Cristo é colocada pelos pós-lapsarianos como a prova de que eles não são "perfeccionistas", mas unicamente crentes na verdadeira teologia adventista história que, supostamente, tem sido rejeitada pelos teólogos, administradores, pastores e líderes da igreja que discordam de sua teologia. Os enganos da parte dessas pessoas são inúmeros.

Em resumo, ainda que o movimento da carne santa e o atual movimento pós-lapsariano adventista tenham muitas diferenças entre si, a estrutura básica de pensamento não é tão diferente quanto alguns querem fazer parecer ser. Em ambas as teorias há uma equiparação da natureza de Cristo para com a natureza dos demais homens possibilitando que a perfeição que Cristo experimentou seja vista também em outras pessoas. A ênfase nos aspectos "pré" ou "pós" lapso se tornam secundários em torno dessa concordância essencial. É verdade que as duas visões são diferentes em inúmeros pormenores, mas o resultado final em torno da ideia da "perfeição" é idêntico.

É por isso que ambas as visões podem ser chamadas de "perfeccionismo", apesar de chegarem à conclusão de que o homem pode ser absolutamente sem pecado e perfeito nessa vida a partir de fundamentos e lógicas bastante diferentes entre si. Nesse ponto é importante notar que grupos cristãos que chegam à mesma conclusão fora do adventismo também são chamados de perfeccionistas. Por

exemplo: os mórmons, os católicos romanos, muitos arminianos e wesleyanos em geral incluem um elemento de defesa da teologia onde o homem pode e deve ser "perfeito" ou "sem pecado", sendo também "perfeccionistas".

O adventismo do sétimo dia tem profunda inclinação nessa direção, igualmente, mas uma compreensão mais profunda do tema do pecado tem afastado a IASD dessa direção cada vez mais. Textos bíblicos e de Ellen White são importantes salvaguardas nesse processo de construção da identidade teológica da igreja remanescente.

Os perfeccionistas pós-lapsarianos da IASD tentam a todo custo separar a sua própria compreensão da perfeição cristã da doutrina da carne santa, não por discordarem do resultado final a que essa teologia conduz (perfeição na carne), mas para escaparem da explícita condenação de Ellen White sobre esse movimento e sua teologia.

A mensageira do Senhor (WHITE, ME, v. 2, p. 32) disse que o ensino da carne santa é "um erro", não sendo correto "pretender nesta vida possuir carne santa". Ela chamou essa ideia de "impossibilidade". Lemos que "se aqueles que falam tão francamente de perfeição na carne, pudessem ver as coisas sob seu verdadeiro aspecto, recolher-se-iam com horror de suas ideias presunçosas". Uma das questões mais interessantes a respeito da condenação de Ellen White a esse movimento é sua afirmação de que se essa espécie de teologia fosse levada um pouco mais longe, ela "conduzirá à pretensão de que seus defensores não podem pecar".

Frequentemente, os pós-lapsarianos igualam a doutrina da carne santa à ideia de que aos salvos, possuidores desta natureza incorruptível, seria "impossível" pecar. Mas Ellen White não diz isso. Ela diz que tal conclusão estava um pouco além da teologia defendida por esse grupo, espreitando como uma espécie de conclusão lógica da sua verdadeira teologia. Que teologia era essa? Exatamente a teologia de que o salvo pode e deve viver sem pecar atingindo a "perfeição" (absoluta). Interessantemente, o pós-lapsarianismo adventista defende exatamente essa mesma ideia, de que o salvo pode viver sem pecar atingindo a perfeição (absoluta). Diante disso, todas as condenações de Ellen White à doutrina da carne santa são igualmente aplicáveis ao perfeccionismo pós-lapsariano adventista contemporâneo!

Ellen White decreta o fracasso completo do perfeccionismo adventista ao afirmar que "a lei não podia justificar o homem, pois em sua natureza pecaminosa este não a poderia guardar" (WHITE, PP, 373). Esse texto decreta a morte da teologia pós-lapsariana que defende exatamente o oposto da mensageira de Deus, a saber: que a natureza pecaminosa não impede o homem de viver ser pecar em absoluto e assim atingir a perfeição, à exemplo de Cristo, e isso como condição para se estar preparado para a volta de Jesus. Essa ideia nos conduz ao tópico da dependência dos escritos de Ellen White para o perfeccionismo adventista na atualidade.

A Bíblia é a única regra de fé da igreja adventista: assim diz Ellen White!

A obra de Ellen White tem sido e continuará a ser a principal fonte do perfeccionismo adventista, a despeito de tudo aquilo que ela escreveu contra essa teologia. As razões desse fenômeno são extensas e complexas.

Os adeptos da teoria da "perfeição na carne" (em moldes pré ou pós lapsarianos) são capazes de encontrar milhares de citações de Ellen White sobre perfeição, obediência à lei de Deus, santificação e vitória sobre o pecado. É bastante comum encontramos listas intermináveis de passagens do Espírito de Profecia em tópicos de discussão sobre essa teologia na internet. É muito esclarecedor que as pessoas que se utilizam dessa metodologia de discussão não atentem com a mesma "seriedade" para inúmeras passagens de Ellen White onde ela fala da imperfeição, da incapacidade humana de obedecer a lei de Deus, da incompletude da santificação até o fim da vida e da doutrina do pecado em termos hereditários, inescapáveis e universais relativamente à humanidade.

Acima de qualquer discussão, porém, fará muito bem aos adventistas atentarem para quais seriam os conselhos da própria senhora White em torno de onde a igreja deve ir buscar a fonte final e suprema de sua compreensão em torno desses temas. A resposta nos vem através de muitas passagens semelhantes entre si: "a Bíblia, e a Bíblia somente, é nossa regra de fé e prática" (WHITE, The Ellen G. White 1888 Materials, p. 1.532). "A Bíblia é a única

regra de fé e doutrina" (Idem, Fundamentos da Educação Cristã, p. 126). "A Palavra de Deus é nossa única regra de fé e ação" (Idem, Manuscrito 65, 1888). "A Bíblia, e a Bíblia somente, deve ser nosso credo, o único laço de união" (Idem, Mensagens Escolhidas, v. 1, p. 416). "Há em nosso tempo um vasto afastamento das doutrinas e preceitos bíblicos, e há necessidade de uma volta ao grande princípio protestante – a Bíblia, e a Bíblia somente, como regra de fé e prática" (Idem, O Grande Conflito, p. 204). "A Bíblia, e a Bíblia somente, é o fundamento de nossa religião" (Idem, Manuscrito 10, 1886). "Assumimos a posição de que a Bíblia, e somente a Bíblia, deveria ser o nosso guia; e jamais devemos afastar-nos dessa posição" (Idem, O Outro Poder: Conselhos aos Escritores e Editores, p. 145). "Mas Deus terá sobre a Terra um povo que mantenha a Bíblia, e a Bíblia somente, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas" (Idem, O Grande Conflito, p. 595). "Faça da Bíblia o seu próprio expositor, reunindo, sobre determinado assunto, tudo o que foi dito em tempos diferentes e sob variadas circunstâncias" (Idem, Conselhos Sobre a Escola Sabatina, p. 20, 42). "Recomendo-lhe, caro leitor, a Palavra de Deus como regra de sua fé e prática. Por essa Palavra seremos julgados. Nela Deus prometeu dar visões nos 'últimos dias'; não para uma nova regra de fé, mas para conforto do Seu povo e para corrigir os que se desviam da verdade bíblica" (Idem, Primeiros Escritos, p. 78). "O irmão J confundiria a mente buscando fazer parecer que a luz que Deus tem dado mediante os Testemunhos [isto é, os escritos de Ellen White] é um acréscimo à Palavra de Deus; mas nisso apresenta a questão sob uma falsa

luz. [...] A Palavra de Deus é suficiente para iluminar o espírito mais obscurecido, e pode ser compreendida por todo aquele que sinceramente deseja entendê-la" (idem, Testemunhos Para a Igreja, v. 5, p. 663). "Deus tem uma intenção nisso [que Ellen White tivesse perdido seu manuscrito sobre a lei em Gálatas]. Ele quer que abramos a Bíblia e busquemos as evidências nas Escrituras" (Idem, The Ellen G. White 1888 Materials, p. 153). "Queremos evidência bíblica para todo ponto que defendermos" (Ibid., p. 36).

Por mais que o dom de profecia seja bíblico e ainda que Ellen White cumpra todos os requisitos para ter sua obra aceita como inspirada e fiel, isso não deve nos fazer tropeçar no óbvio. Tudo o que a mensageira do Senhor escreveu teve a intenção de nos levar para a Bíblia e não de nos afastar dela dando-nos "detalhes" doutrinários mais explícitos do que a própria revelação bíblica em torno da perfeição ou de qualquer outro tópico. Aqueles que entendem a função do Espírito de Profecia dessa forma estão fadados a defenderem uma elevada teoria a respeito de sua natureza e função enquanto rejeitam as próprias instruções proféticas para que a Bíblia seja exaltada em cada questão.

Ellen White é clara em dizer que precisamos da luz bíblica em cada argumento e raciocínio no fundamento de nossa fé e esse é o motivo desse livro não se concentrar unicamente nos escritos dela para iluminar o estudo das doutrinas do pecado e da perfeição na mentalidade adventista, o que nada tem que ver com "descrença" em seu ministério profético. Da mesma forma, não deve haver nenhuma estranheza quanto ao fato da linguagem de nossas crenças

fundamentais ser amplamente retirada da própria Bíblia e não dos escritos de nossa profetiza.

1. As Escrituras Sagradas

A IASD crê que "as Escrituras Sagradas, o Antigo e o Novo Testamentos, são a Palavra de Deus escrita, dada por inspiração divina", e confessa que "nesta palavra, Deus transmitiu à humanidade o conhecimento necessário para a salvação" sendo, assim, "o revelador definitivo de doutrinas e o registro fidedigno dos atos de Deus na história".

Sob tais perspectivas acima descritas, cremos nas doutrinas do pecado e da perfeição cristã em toda a complexidade de cada um desses temas em sua singularidade intrínseca, como nas múltiplas questões que envolvem a relação entre as várias visões diferentes envolvidas nesses assuntos de amplo alcance. A Bíblia fala da origem do pecado no céu (cf. Ez 28:14-15) e na humanidade (Gn 3:1-7), também revela inequivocamente a universalidade do pecado entre os seres humanos após a queda (Rm 3:23) e admite uma única exceção, Jesus (Hb 4:14-15). O registro sagrado fala da natureza perversa do pecado sob as imagens da escravidão imposta mesmo contra o desejo do escravizado (Rm 7:14-25), ou como de uma rebelião voluntária pela qual o pecador pode ser responsabilizado (Is 57:17). A Bíblia também expõe uma relação íntima entre o pecado e: a própria natureza humana (Ef 2:3; cf. Mt 15:19-20; Jo 2:25); a lei de Deus (Rm 4:15; 1 Jo 3:4); e a morte (Rm 5:12; 6:23).

Por outro lado, a perspectiva da perfeição e o chamado divino

aos homens em sua direção são claros e persistentes Palavra de Deus, e isso: na lei (Gn 17:1; Dt 18:13); nos livros históricos (1 Rs 8:61); nos livros poéticos (Pv 4:18); nos evangelhos (Mt 5:48; 19:21); nas cartas do Novo Testamento (Cl 1:28); e, indiretamente, também no Apocalipse (12:17; 14:1-5). Portanto, pecado e perfeição são assuntos de importância central para o adventismo naquilo em que fazem parte da revelação bíblica.

2. A Trindade

A IASD crê que "há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três pessoas coeternas", esse Deus está "além da compreensão humana, mas é conhecido por meio de sua autorrevelação". A ideia de que Deus revela-se como o "nós" de uma pluralidade de pessoas que formam uma unidade (Gn 1:26; Dt 6:4) é enigma bíblico de amplas proporções e implicações na história da teologia. Acima das controvérsias sobre o tema, a doutrina da Trindade é uma das ideias mais promissoras na explicação do significado da indicação de que "Deus é amor" (1 João 4:8, 16).

Como igreja protestante do ramo arminiano/wesleyano, a IASD teologicamente faz eco ao pensamento de que "é apenas na comunhão amorosa da igreja que o 'perfeito amor' [...] se torna uma possibilidade" (NOBLE, 2015, p. 213). Ou seja, uma teologia trinitariana conduz a igreja à compreensão de que a perfeição só se torna possível ou factual quando vivenciada em uma comunidade de amor (Jo 13:34-35). Isso conduz à superação do individualismo reinante entre a humanidade desde a queda (cf. Gn 4:9). Qualquer

busca por perfeição em direção e sentido puramente individualista está fadada à frustração em presença daquilo que é a essência da contaminação do pecado, o egoísmo. Deus, que é perfeito e sem pecado, existente em si mesmo e por si mesmo, não "vive" unicamente para si, mas dá vida à sua criação e, dessa maneira, serve de modelo da inadequação do isolamento egoísta.

3. O Pai

A IASD confessa sua fé em Deus como "eterno pai, criador, originador, mantenedor e soberano de toda a criação".

O Novo Testamento diz que o pai que está no céu é perfeito (Mt 5:48) e dele vem todo dom igualmente perfeito (Tg 1:17). Além disso, a vontade de Deus como pai é boa e perfeita (Mt 7:11; Rm 12:2) e inclui o desejo de que os seres humanos sejam desarraigados desse mundo perverso onde existem pecados (Gl 1:4). Por outro lado, em contraposição a Deus é o Diabo quem é o "pai da mentira" (Jo 8:44, grifo nosso) revelando dessa forma a origem satânica do pecado em sentido último e geral (cf. 1 Jo 3:8).

4. O Filho

A IASD ensina que "Deus, o Filho Eterno, encarnou-se como Jesus Cristo", sendo para sempre verdadeiro Deus para em momento posterior se tornar verdadeiramente homem através da encarnação. A igreja assevera que Cristo "viveu e experimentou a tentação como ser humano", mas "exemplificou perfeitamente a justiça e o amor de Deus".

As relações entre a cristologia e as doutrinas do pecado e da perfeição são bastante amplas, mas aqui limitamo-nos a dizer que Cristo foi concebido, nasceu e viveu absolutamente sem pecado apesar da realidade de sua humanidade e de suas tentações (Hb 4:15; 1 Jo 3:5). Tudo isso com o objetivo de salvar eficazmente os seres humanos pecadores (Mt 1:21) e lhes servir de exemplo (1 Jo 2:6). A humanidade de Cristo, entretanto, não era absolutamente idêntica à humanidade de Adão antes da queda, nem era igual em todos os aspectos à humanidade de Adão após a queda já que as Escrituras o retratam como sem pecado (DEDEREN, 2011, p. 185). Assim, concluímos que Jesus foi absolutamente único entre os bilhões de pessoas que já viveram. Como "imagem do Deus invisível", Cristo refletia perfeitamente o pai perfeito a tal ponto de poder dizer àqueles que lhe eram próximos que não havia diferença entre olhar para ele e olhar para Deus, o Pai (Cl 1:15; 2:9; cf. Jo 14:8-11).

5. O Espírito Santo

Para a IASD, o Espírito Santo é "uma pessoa tanto quanto o Pai e o Filho" que, em harmonia com as Escrituras, guia os seres humanos em toda a verdade. Além disso, o Espírito Santo "concede dons espirituais à igreja e a habilita a dar testemunho de Cristo". Aos crentes se promete o batismo no Espírito Santo (At 1:5) que está relacionado à santificação (1 Ts 5:23; 2 Ts 2:13; 1 Pe 1:2) e ao selamento (Ef 1:13; 4:30), além de lavar e regenerar o ser humano não movido por obras de justiça praticadas por ele (Tt 3:5).

Na teologia adventista, por um lado, há a indicação de que "ao

pecado só se poderia resistir e vencer por meio da poderosa operação da terceira pessoa da Divindade", de forma que "é o Espírito que torna eficaz o que foi realizado pelo Redentor do mundo" (WHITE, O desejado de todas as nações, p. 671). Por outro lado, porém, a própria Bíblia pressupõe e revela pecados da parte da parte de cristãos que eram cheios do Espírito Santo. Além da indicação específica e geral de que não há ser humano que não peca (1 Rs 8:46-50), a revelação demonstra a presença de pecado, mesmo após o derramamento poderoso do Espírito Santo, na vida de Pedro (Gl 2:11-21), João (1 Jo 1:8-10; Ap 19:10; 22:8-9) Tiago (Tg 3:2) e Paulo (Rm 7:14-25; 1 Tm 1:15), ou seja, dos principais escritores inspirados do Novo Testamento. Isso demonstra que realidades relativas ao derramamento do Espírito na teologia adventistas, como a chuva serôdia não devem ser necessariamente interpretadas como exigindo do ser humano a perfeição de uma vitória absoluta contra todas as dimensões do pecado em sua experiência prévia à glorificação.

6. A Criação

A IASD ensina claramente que por meio das Escrituras Deus comunica "o relato autêntico e histórico de sua atividade criadora", de forma que "quando o mundo foi concluído, ele era 'muito bom', proclamando a glória de Deus". Tal crença adventista fundamental indica que a igreja entende que o mundo em primeira instância já foi perfeito, sendo então absolutamente sem pecado e sem morte por um período indefinido de tempo.

A Bíblia diz que as obras de Deus são perfeitas (Dt 32:4) e, por

isso mesmo, a existência do pecado numa criação divina é uma questão bastante intrigante e complicada. O relato da "perfeição" ou "bondade" da criação original é bastante importante para justificar a narrativa de que o mal constitui um desvio da condição primordial criada por Deus, isso a fim de isentarmos a criação em si de já ter sido concebida para ser "má" como viria a se tornar no contexto da queda.

Uma das questões mais polêmicas em torno desse assunto é o extenso efeito que o pecado de Adão e Eva supostamente trouxeram ao universo criado. Tudo o que conhecemos está unido à nossa experiência na terra e percebemos a existência de um grande e amedrontador "caos" na expansão do universo, com colisões de galáxias e explosões de supernovas ao lado de uma extraordinária ordem e beleza que dificilmente poderia surgir do nada ou simplesmente ao acaso.

Os mistérios da criação são dilemas extremamente profundos para a investigação humana e as relações entre pecado e perfeição na criação fazem surgir mais perguntas do que aparentemente somos capazes de responder, pelo menos por enquanto. Ainda assim, o estudo da natureza da realidade criada é uma das ferramentas mais poderosas para termos vislumbres da perfeição da sabedoria do Criador ainda que a experiência do pecado limite nossa capacidade de experimentar e entender essa criação tal como gostaríamos.

7. A Natureza da Humanidade

A IASD diz que os seres humanos foram criados à imagem de

Deus “com individualidade, poder e liberdade de pensar e agir”, ainda que dependentes do Senhor “quanto à vida, respiração e tudo o mais”. A partir da queda dos nossos primeiros pais a imagem de Deus foi desfigurada na humanidade de forma que “seus descendentes partilham dessa natureza caída e de suas consequências” a ponto de terem “fraquezas e tendências para o mal”, ainda que Deus, em Cristo, tenha reconciliado consigo o mundo e restaure progressivamente a imagem do Criador nos mortais penitentes.

A sempre importante nota positiva da reconciliação e restauração da imagem de Deus desfigurada na humanidade não esconde, entretanto, o quão radical é a imperfeição humana em função do pecado (Gn 6:5; Is 1:5-6; Rm 3:10). Segundo Whidden (2004, p. 24), na teologia adventista o pecado humano se manifesta não somente como ação transgressora, mas também como uma “condição de depravação que envolve propensões pecaminosas inerentes, inclinações, tendências, e capacidade de pecar”. Em seguida se afirma que tal depravação “é uma terrível enfermidade sistêmica, uma infecção profunda que produz toda espécie de trágicos sintomas”. O argumento adventista é que atos errados, palavras pérfidas, atitudes cheias de ódio e assim por diante “são apenas a ponta do iceberg chamado depravação humana”. Também vale ressaltar que na inspiração de Ellen White, a natureza pecaminosa da humanidade é vista como lhe impedindo de guardar a lei de Deus de forma absolutamente perfeita (WHITE, Patriarcas e profetas, p. 373; cf. WHITE, Caminho a Cristo, p. 62).

Ampla polêmica se instalou na igreja a partir da exortação

ou exigência divina à perfeição à luz da realidade exposta acima. Aqui se estabelece um dos pontos mais controvertidos da teologia adventista, especialmente em função da luta entre entendimentos diferentes dentro da comunidade de fé a respeito da importância e exata interpretação do assunto específico. Teologicamente, porém, a solução do dilema é mais simples do que muitos desejam admitir e resume-se em identificar claramente que a perfeição possível ao ser humano após a queda e antes da glorificação "é relativa e não absoluta", uma vez que o homem "nunca atinge nessa vida a perfeição última" (HORN, 1979, Perfect/perfection). Essa solução provê fundamento suficiente para que não haja desprezo à mensagem da perfeição e também para que ela não seja interpretada sob prismas que lhe tornem mera fantasia e jamais uma experiência real.

8. O Grande Conflito

A IASD diz que "toda a humanidade está agora envolvida no grande conflito entre Cristo e Satanás quanto ao caráter de Deus, sua lei e sua soberania sobre o universo". Afirma-se que tal conflito se iniciou no céu como pano de fundo para a indução satânica de Adão e Eva ao pecado que resultaria "na deformação da imagem de Deus na humanidade". Esse conflito explica a necessidade de auxílio divino aos seres humanos por meios providenciais e sobrenaturais que vindiquem o amor de Deus em meio à experiência do sofrimento.

A teologia do "grande conflito" é vista, mesmo em publicações seculares, como uma ideia bastante influente na história do pensamento ocidental (DUNN, 2014, p. 508). Biblicamente, a

controvérsia entre o bem e o mal é um dos temas mais abrangentes para uma correta compreensão da realidade (Dt 30:15; 1 Rs 3:9; Sl 37:27; Is 5:20; Ap 12:7-9). Pecado e perfeição representam o bem e o mal em luta e de uma forma geral: aqueles que se colocam ao lado da perfeição lutam ao lado do bem e aqueles que se colocam ao lado do pecado militam a favor do mal.

Ainda assim, não se deve desconsiderar que Satanás é mentiroso e pai da mentira (Jo 8:44) e está disposto a se disfarçar (2 Co 11:14) como se fosse "bom" e intencionasse a própria "perfeição" como o objetivo de sua rebelião. A Bíblia diz que o originador do mal era perfeito (Ex 28:15), enquanto White (Patriarcas e profetas, p. 38, grifo nosso) nos diz que no início de sua rebelião Satanás, de forma aparentemente positiva, "pretendia uma perfeita fidelidade para com Deus" ao mesmo tempo em que "insistia que modificações na ordem e leis do céu eram necessárias para a estabilidade do governo divino". O resultado era que em sua rebelião no céu, o Diabo "secretamente fomentava a discórdia e a rebelião" enquanto "fazia parecer como se fosse seu único intento promover a lealdade e preservar a harmonia e a paz". Por outro lado, porém, é interessante notar a ironia de que a mensagem aparentemente negativa do pecado como realidade inevitável e universalmente presente na vida humana é mensagem divinamente inspirada e parte da revelação bíblica (Ec 7:20; Rm 3:23; 5:12; 7:14-21).

9. Vida, Morte e Ressurreição de Cristo

A IASD confessa que a vida de Cristo foi de "perfeita obediência

à vontade de Deus" e que seu sofrimento, morte e ressurreição foram divinamente estabelecidos como "único meio de expiação do pecado humano". A expiação provida por Jesus foi perfeita e "vindica a lei de Deus e a benignidade do seu caráter".

A perfeita ausência de pecado na natureza humana de Cristo, bem como em todo o seu comportamento durante toda a sua vida formam a base para os resultados absolutamente extraordinários de seu sofrimento e morte expiatórios e substitutivos na vida e na salvação daqueles que os aceitam como Senhor e Salvador (Hb 4:15; cf. Rm 5:10-11). Aos que aceitam a Jesus pela fé, a perfeição de Cristo lhes é creditada não como posse individual, mas como salvação por graça mediante a fé, de forma que eles são aceitos por Deus como se nunca tivessem pecado uma única vez em toda sua história. À parte da fé em Cristo, uma simples análise do caráter de tais pessoas revelaria a imensa dessemelhança entre o pecador e o salvador, mas em Cristo essa barreira não mais faz separação entre Deus e a humanidade e, assim, o pecador perdoado segue imperfeito até sua glorificação final ainda que tenha sido transformado e santificado radical pela graça divina. Biblicamente, não pertence à igreja o vindicar a lei de Deus perante o universo, cabendo-lhe apenas revelar a diferença ao mundo e aos anjos entre servir ao Senhor ou não (Ml 3:18; 1 Co 4:9).

10. A Experiência da Salvação

A IASD crê que como apropriação da salvação realizada por Cristo os crentes reconhecem sua pecaminosidade, se arrependem

dos seus pecados e manifestam fé em Jesus como Salvador e Senhor, Substituto e Exemplo. O resultado dessa experiência é que os crentes são justificados, adotados na família de Deus e libertados do domínio do pecado. A partir disso, há um novo nascimento, há santificação, há a renovação da mente pela atuação do Espírito Santo que escreve a lei de Deus no coração do salvo. Isso capacita o salvo a levar "vida santa" em função dele se tornar participante da natureza divina de forma que ele possa ter certeza da salvação agora e no juízo futuro.

O reconhecimento da "pecaminosidade" jaz à base de toda a experiência de salvação em Jesus Cristo, aquele que veio para os doentes e não para os sãos (Mc 2:17), assim como a certeza da salvação se fundamenta em primeira instância na graça mediante a fé (Ef 2:8-9) e não na perfeição das boas obras que devem, sim, ser buscadas ao máximo ainda que como segunda instância unicamente (Ef 2:10). As imagens bíblicas relativas à libertação do pecado e capacidade para viver uma vida santa em harmonia com a lei de Deus são plenamente verdadeiras, mas não representam uma superação absoluta da condição pecaminosa e imperfeita da humanidade em sentido definitivo, como se verá, por exemplo, na subsequente e continuada necessidade de crescimento em Cristo.

11. Crescimento em Cristo

A IASD ensina que apesar de Cristo já ter triunfado na cruz sobre as hostes do mal, elas "ainda procuram controlar-nos". Mas cheios da paz, alegria, certeza do amor divino e revestidos de poder "estamos continuamente comprometidos com Jesus como nosso

Salvador e Senhor". A isto se chama de uma "nova liberdade" que nos chama a crescer na semelhança do caráter de Cristo e seguir seu exemplo ministrando às necessidades humanas e pregando o Evangelho.

A necessidade dos já salvos experimentarem um "crescimento em Cristo" indica que ainda há um caminho a ser percorrido por eles para que se tornem aquilo que Deus deseja que sejam. Essa é outra forma de dizer que os crentes ainda não são o que haverão de ser e o que se tornarão apenas na volta de Jesus (1 Jo 3:2). Ou seja, o cristão, mesmo salvo, é uma obra inacabada deste lado da eternidade e, como tal, precisa crescer em santificação para se tornar mais semelhante a Cristo de quem ele ainda difere. Essa necessidade explica porque a vitória contra o pecado ou a perfeição cristã não devem ser interpretadas como absolutas antes da glorificação. Se alguns crentes já fossem totalmente iguais a Jesus no sentido de viverem sem pecar, eles não mais precisariam crescer em relação a este ponto de sua experiência cristã. A própria necessidade de crescimento, ou seja, de santificação, no sentido de vitória contra o pecado reminiscente no crente, demonstra que sempre permanece uma distância não percorrida entre o cristão e Jesus Cristo relativamente à impecaminosidade.

12. A Igreja

Na visão da IASD, "a igreja é a comunidade de crentes que confessam a Jesus como Senhor e Salvador", chamados para fora do mundo, para o serviço da humanidade e para a proclamação

mundial do evangelho. "A igreja é a família de Deus", e na volta de Jesus o Senhor a apresentará "sem mácula, nem ruga, porém santa e sem defeito".

Os adventistas retiram os principais fundamentos de sua identidade como igreja de textos específicos do livro do Apocalipse (12:17; 14:12). Apesar de defender sua singular identidade teológica e profética, a IASD rejeita, na prática, o chamado "denominacionalismo" (RODRÍGUEZ, 2012, p. 212), ou seja, a ideia de que a igreja de Cristo se resume a uma instituição/denominação específica com a exclusão de todas as outras. A rejeição adventista ao denominacionalismo também indica que a lealdade dos membros e líderes da igreja deve estar cativa a Cristo em última instância e não à sua própria denominação religiosa.

Falando da santidade da igreja, Dederen (2011, p. 625-626, grifo nosso) diz que os membros do corpo de Cristo certamente devem buscar viver em separação do pecado e em demonstração de santidade ética em sua conduta. Ainda assim ele alerta que "os membros da igreja são chamados de santos mesmo quando, lamentavelmente, lhes faltam as evidências da santidade", concluindo que "a santidade da igreja acha-se entrelaçada na permanente imperfeição humana". Tal admissão paradoxal demonstra que a perspectiva da apresentação da igreja por parte de Cristo em sua vinda como sem mácula não necessariamente indica que a igreja atingirá perfeição última ou vitória absoluta contra o pecado antes da vinda de Cristo, mas só será definitivamente transformada com a segunda a vinda de Jesus e a consequente glorificação.

13. O Remanescente e sua Missão

A IASD defende que enquanto "a igreja universal se compõe de todos os que verdadeiramente creem em Cristo", nos últimos dias "um remanescente tem sido chamado para guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus". O conteúdo da mensagem do remanescente aponta a hora do juízo, a salvação por meio de Cristo e prediz a aproximação do segundo advento. Seu objetivo é a realização de uma obra de arrependimento e reforma na terra.

LaRondelle (2011, p. 983) diz que a identificação teológica e profética da IASD como igreja remanescente não pretende oferecer a seus líderes e membros "nenhuma base para um espírito de exclusivismo ou triunfalismo", mas deve aumentar "o senso de responsabilidade e autocrítica" da própria igreja. Além disso, é importante reconhecer que muitos dos principais pontos da identidade e da mensagem adventista são compartilhados por grupos cristãos diversos em inúmeros particulares.

Conceitos relativos às doutrinas do pecado e da perfeição dentro da igreja adventista têm frequentemente sido interpretados por grupos perfeccionistas como únicos e exclusivos de nosso movimento, como se representassem um evangelho verdadeiro em contraste com o erro prevalecente em absolutamente todas as outras igrejas. Mas a verdade é que as mesmíssimas tendências e convicções a respeito desses temas, bem como as mesmas polêmicas intrínsecas aos mesmos, são compartilhadas em grande medida por outros grupos cristãos além das fronteiras da IASD, tanto atual como historicamente. Veja, por exemplo, a avaliação da acusação

de “perfeccionismo” levantada contra os pietistas no contexto pós reforma protestante (OLSON, 2001, p. 507-526, veja também: WARFIELD, 1958; LARONDELLE, 1985).

14. Unidade no corpo de Cristo

A IASD professa que “a igreja é um corpo com muitos membros, chamados de toda nação, tribo, língua e povo”. Distinções diversas entre as pessoas não devem ser motivo de dissensões em seu meio. “Todos somos iguais em Cristo”, partilhando a mesma esperança e estendendo um só testemunho para todos. Essa unidade encontra sua fonte na unidade de Deus.

A unidade da igreja pela qual Cristo orou (Jo 17:21) é uma das questões mais sensíveis em um mundo cristão dividido de inúmeras formas. A ampla e polêmica discussão sobre o movimento ecumênico expõe um pouco dessa realidade. A verdade, porém, é que pessoas e igrejas têm individualidades e particularidades que não poderiam ser simplesmente abolidas sob pena de diluição completa de sua identidade particular. Em função disso, desde há muito tempo os cristãos entenderam que a unidade da igreja não inclui a obrigação de que todos ajam e pensem da mesma forma a respeito de todos os assuntos em absoluto. Agostinho de Hipona resume a abordagem ideal em torno da questão quando assevera que a igreja deve buscar naquilo que é essencial, a unidade, no que não é essencial, a diversidade, e em todas as coisas, a caridade.

Nem todos os adventistas concordam com a posição em que as questões relativas às doutrinas do pecado e da perfeição ocupam na

estrutura da teologia da igreja, se mais ao centro ou à periferia da fé. Alguns tratam tais questões com estranha frieza e indiferença, outros são obcecados por elas como se fossem os pontos mais importantes em torno dos quais a experiência cristã orbita. A verdade é que naquilo em que são claras na Palavra de Deus, tais doutrinas são tão essenciais e importantes quanto o são todas as verdades que Deus revelou para nós e nossos filhos (Dt 29:29). A unidade da igreja, entretanto, não exige que todos pensem exatamente da mesma forma sobre todas as minúcias das discussões sobre pecado e perfeição para além do texto bíblico, mas exige que o respeito à Palavra de Deus e o amor às pessoas pautem todas as discussões e discordâncias (Jo 13:34-35). É fato que nessa discussão, os diferentes grupos de pensamento dentro da igreja frequentemente acusam gravemente uns aos outros movidos pelo calor das convicções que surgem de cada perspectiva. Nesse contexto, um enfrentamento mais agressivo em termos de debates pode se tornar necessário e conduzir a um amadurecimento teológico saudável e salvífico, sim, mas comumente o embate serve muito mais efetivamente para manchar o testemunho cristão da igreja do que para sua edificação. A impressão que muitos têm é que a unidade da igreja, como a perfeição de uma vitória absoluta contra o pecado, não passa de uma utopia.

Creio que o pessimismo em torno da unidade e perfeição da igreja se fundamenta na imaginação de que unidade signifique uniformidade e que perfeição signifique uma condição acima da própria humanidade, algo que obviamente a humanidade jamais alcança. Seja como for, é plenamente possível entender esses dois

ideais de forma menos carregada. Pode haver unidade onde há diversidade de pensamento e prática e pode haver perfeição onde nem tudo é absolutamente ideal o tempo todo. Basta uma leitura menos radical de tais e tais questões para pacificar certas polêmicas e acusações desnecessárias e infrutíferas.

15. O Batismo

A IASD afirma que pelo batismo os crentes confessam sua fé na morte e ressurreição de Jesus Cristo e testificam de sua própria morte para o pecado e de seu propósito de andar em novidade de vida. Diz-se que "o batismo é um símbolo de nossa união com Cristo, do perdão de nossos pecados e do recebimento do Espírito Santo". Além disso, o rito só deve ser ministrado em face da "evidência de arrependimento do pecado".

O texto da crença fundamental adventista segue de perto a lógica e linguagem de certa porção da carta aos Romanos, especialmente ao falar da morte para o pecado (6:2) e do andar em novidade de vida (6:4). Por sua vez, a exigência da "evidência de arrependimento do pecado" para que o batismo seja ministrado e, então, simbolize o perdão dos pecados, termina por evocar toda a qualidade e extensão da relação entre o batizado e o pecado após seu batismo.

O conceito bíblico de que o batismo cristão não se refere à "remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus" (1 Pe 3:21) nos ajuda a responder essa pergunta. Michaels (2002, p. 216) diz: "é improvável que a presente passagem intencione dizer algo tão banal quanto que o propósito do

batismo não é lavar a sujeira do corpo", mas provavelmente Pedro está fazendo referência à contaminação moral e espiritual, dizendo, portanto, que não se deve esperar que uma purificação moral e espiritual completa seja concedida automaticamente ao cristão na experiência do batismo. Tal advertência ajuda a explicar o fato da reminiscência do pecado nos cristãos mesmo após o batismo (cf. Rm 7:14-25; Tg 3:2; 1 Jo 1:8-10). E mais uma vez a realidade do pecado, mesmo na vida dos cristãos batizados, explica porque a noção da perfeição cristã remonta a uma noção de perfeição relativa e não, absoluta.

16. A Ceia do Senhor

A IASD entende que "a ceia do Senhor é uma participação nos emblemas do corpo e do sangue de Jesus, como expressão de fé nele, nosso Senhor e Salvador". A igreja adventista diz que Cristo "se faz presente" na ceia, mas não entra nas tradicionais e extensas polêmicas sacramentais em torno de questões como transubstanciação ou consubstanciação, por exemplo. Ainda assim, a ideia de que pão e vinho são tão somente "emblemas" já indica suficientemente a posição da igreja sobre o tema mesmo que sem maiores detalhes. A crença fundamental termina falando sobre a cerimônia do lava-pés como expressão da disposição mútua de serviço entre os membros da igreja a ser realizada em humildade e com o objetivo de unir os crentes em amor.

A periodicidade com que a igreja celebra a ceia do Senhor, à luz de sua interpretação como implicando fé em Jesus como

Senhor e Salvador, indica que a comunidade cristã jamais supera sua dependência do perdão e da salvação que há em Cristo e jamais deixa de orar "perdoa as nossas dívidas" (Mt 6:12). Isso implica na perpétua condição pecadora da igreja, não somente pela divisão entre joio e trigo em seu meio (Mt 13:24-43), mas ao fato de que mesmo o "trigo" não está acima do pecado (Tg 3:2; 1 Jo 1:8; cf, Ec 7:20). Assim é que na teologia adventista a perfeição última, no sentido de uma vitória definitiva sobre toda e qualquer dimensão da experiência do pecado, não vem aos crentes por vias sacramentais de qualquer natureza.

17. Dons e Ministérios Espirituais

É a posição da IASD que "Deus concede a todos os membros de sua igreja, em todas as épocas, dons espirituais", seu objetivo com isso é que cada crente contribua "para o bem comum da igreja e da humanidade". Os dons provêm do Espírito Santo e abrangem diversos ministérios bem como a nutrição e liderança da igreja, e são destinados "para edificar a igreja, visando alcançar a maturidade espiritual e promover a unidade da fé e do conhecimento de Deus". A fé adventista é que quando a igreja é fiel na utilização desses dons espirituais, ela se torna "protegida contra a influência demolidora de falsas doutrinas, tem um crescimento que provém de Deus e é edificada na fé e no amor".

A igreja é um corpo com muitos membros (Rm 12:4) e muitos dons (1 Co 12:4), e isso faz com que ela inclua em si realidades muito diferentes em função da amplitude de sua presença no

mundo. Cada cristão individual, lar, igreja local e cada ajuntamento organizado que representa a família de Deus na terra tem uma história, características e dificuldades peculiares e particulares, como é natural. Isso cria certa tensão na experiência cristã à luz de experiências concorrentes. No tocante às doutrinas do pecado e da perfeição humana não é diferente. Muitas polêmicas em função de entendimentos e experiências diferentes sore esses pontos podem ser traçadas por toda a história do cristianismo. A nota triste dessa história tão instigante é que a igreja só está "protegida" da heresia quando é fiel e, assim, a realidade da infidelidade individual, local ou universal da igreja faz com que muitas heresias existam em seu meio, fazendo uma obra de destruição (2 Pe 2:1), ainda que pela graça de Deus tal destruição não se complete pela contraposição poderosa da obra de Cristo em favor da igreja (1 Co 11:19, ACF; cf. Mt 16:18; 1 Jo 3:8).

Os dons espirituais contêm soluções eficientes para questões relativas às doutrinas do pecado e da perfeição, assim em teoria como na prática, tanto quanto Deus julgou ser essencial para a vitória da igreja no combate contra o mal deste lado da eternidade. Por exemplo, dons como "ensino"; "proclamação do evangelho" e "discernimento dos espíritos" implicam que a igreja é capaz de enfrentar os desafios intelectuais de sua experiência num mundo corrompido, enquanto dons como "cura" e "milagres", por sua vez, demonstram que a igreja recebeu dotações especiais na reversão da obra do mal, na realidade da história, ainda que tal não ocorra em todas as circunstâncias e situações. Isso tudo indica que a igreja

tem todas as ferramentas de que precisa para desmascarar o pecado e vencê-lo em grande medida, ainda que não em toda medida e esteja fadada a conviver com ele até sua redenção final, no futuro (Lc 21:28).

A experiência da perfeição cristã é apenas outra forma de descrever a vitória da igreja contra o pecado, mas a incapacidade da igreja em duplicar a vitória de Cristo contra a carne, o diabo e o mundo, ou seja, contra todo o pecado, justifica ainda mais a tese de que sua natureza é relativa e não absoluta.

18. O Dom de Profecia

Dentre os vários dons espirituais bíblicos, a IASD destaca o dom de profecia em suas crenças fundamentais e assume a convicção de que tal dom se manifestou no ministério de Ellen White. Isso justifica a afirmação adventista de que a obra dela fala com "autoridade profética" para consolo, orientação, instrução e correção à igreja. Por outro lado, essa crença torna necessária a contrapartida de que tais escritos "deixam claro que a Bíblia é a norma pela qual deve ser provado todo ensino e experiência". Dessa maneira, a igreja preserva sua crença distintiva ao mesmo tempo em que mantém sua visão protestante tradicional a respeito da Palavra de Deus, resumida e reconhecida no brado da reforma conhecido como: Sola Scriptura. Atual e historicamente, porém, dentro da IASD, a maior quantidade de polêmicas e mal-entendidos a respeito das questões relativas às doutrinas do pecado e da perfeição cristã está relacionada à obra de Ellen White.

Por um lado, há adventistas que negam a doutrina do "pecado original", tal qual eles a entendem e, para isso, se utilizam, dentre outras coisas, de uma retórica particular relativa "ao único conceito de pecado" como sendo "transgressão da lei" de Deus, segundo a mensageira do Senhor (WHITE, Fé e obras, p. 56; cf. 1 Jo 3:4). Tal grupo nega abertamente que o pecado seja uma característica da própria natureza humana propagado de forma hereditária e, assim, ensina que Cristo tinha "natureza pecaminosa" idêntica à natureza de todos os demais seres humanos (Idem, medicina e salvação. p. 181), mas misteriosamente sem pecado. O resultado é que, nessas condições, Cristo supostamente teria provado e exemplificado que é possível ao homem viver sem pecar mesmo na natureza humana após a queda. Além de tudo isso, há uma interpretação particular e específica da importância e da natureza da fidelidade à lei de Deus da parte do povo "remanescente" no grande conflito (Idem, Testemunhos seletos, v. 3, p. 421; cf. Ap 12:17) como se referindo a uma capacidade humana de vencer todo e qualquer pecado, interpretado acima de tudo como imperfeição de caráter (Idem, O desejado de todas as nações p. 429; Parábolas de Jesus, p. 330). Concluindo o núcleo essencial desse ensinamento está a necessidade de se atingir a "perfeição em Cristo" em meio aos eventos finais da história terrestre (Idem, o grande conflito, p. 623). Essa perfeição é interpretada como um imperativo de se atingir uma vitória absoluta contra o pecado no contexto do que se chama na teologia adventista de "fim do tempo de graça" (Idem, Mensagens escolhidas, 1, p. 191). Esse é um esboço geral do chamado "perfeccionismo pós-

lapsariano” adventista.

Por outro lado, todavia, há muitos membros e líderes da igreja que rejeitam a argumentação resumida acima e, isso, não por serem incrédulos em relação à inspiração divina da obra de Ellen White, mas especialmente por causa “da falta de apoio bíblico para as teorias da natureza caída de Cristo e da perfeição humana sem pecado” (TIMM, 2004, p. 284). Além disso, uma leitura mais criteriosa e atenta dos próprios escritos de Ellen White termina apontando para um quadro geral bastante diferente em comparação com aquele que alguns adventistas ensinam por sua própria conta e risco em nome do dom profético.

Ellen White, por exemplo, acreditava na propagação hereditária do pecado, como uma espécie de doença contagiosa que passou de Adão inescapável e universalmente aos demais seres humanos como resultado de sua transgressão primordial (WHITE, nos lugares celestiais, p. 146). Ela fala, inclusive, que os descendentes do primeiro homem nada receberam dele, “senão a culpa e a sentença de morte” (Idem, Carta 68, 1899 [6 BC, 1074]), ainda que permaneça até hoje certa perplexidade entre estudiosos adventistas na busca por entendimento do que ela realmente quis dizer com tal conceito (cf. PFANDL, p. 21). Também, vemos claramente na obra de Ellen White o conceito de que a natureza pecaminosa impossibilita o homem de guardar a lei de Deus e ser, assim, justificado por ela (WHITE, Patriarcas e profetas, p. 373). Tal fato revela que apesar de Ellen White ter usado em outros momentos a expressão “natureza pecaminosa” para se referir à natureza humana de Cristo, ela

não supõe que o salvador tinha natureza absolutamente idêntica a dos demais pecadores, uma vez que Cristo fez o que a própria natureza pecaminosa impediu os demais homens de fazer, a saber, demonstrar uma obediência perfeita à lei do Criador através de uma vida sem pecado. É verdade que Cristo viveu sem pecar durante toda a sua vida, mas isso não prova, absolutamente, que os demais seres humanos podem fazer o mesmo (Idem, E recebereis poder, p. 369). A mensageira do Senhor também fala de “deficiências inevitáveis” da parte do ser humano (Idem, Mensagens escolhidas, v. 3, p. 195-196) e afirma que “todos têm caráter imperfeito” (Idem, fundamentos do lar cristão, p. 56). Ela também profetiza que a igreja de Deus será imperfeita (Idem, A igreja remanescente, p. 42) e seu ensinamento implica que o ser humano só deixará de ser pecador em última instância na glorificação (Idem, Atos dos apóstolos, p. 560-561; Mensagens escolhidas, v. 3, p. 335).

Diante do pluralismo teológico e da divisão da igreja refletida claramente nos entendimentos diferentes e mutuamente excludentes expostos acima (e que geram muita controvérsia dentro da igreja) é importante que cada adventista entenda que não existem duas mensagens contraditórias nos escritos de Ellen White, como se de uma mesma fonte jorrasse água doce e amarga (Tg 3:11-12). O que realmente existe é que intérpretes diferentes interpretam e enfatizam textos selecionados de Ellen White a partir de seus pressupostos e prismas particulares gerando, assim, teologias completamente opostas umas às outras a partir da mesma fonte. A solução de tal estado de coisas jaz num estudo sério e profundo de

tudo aquilo que Ellen White escreveu em torno do tema específico a ser estudado, respeitando-se cada aspecto como verdade inspirada por Deus (num estudo completo será imprescindível avaliar o mesmo tema na Bíblia para que eventuais dúvidas reminiscentes sejam esclarecidas de forma definitiva a partir da própria Palavra de Deus). Minha convicção é que caso tal metodologia seja seguida, não será difícil reconhecer a verdade. Um simples e resumido exemplo pode ser oferecido a título de modelo sobre como lidar com as questões aqui em destaque.

Quando Ellen White diz que Jesus tinha "natureza pecaminosa" (Idem, Medicina e Salvação, 181), facilmente alguns intérpretes constroem inúmeras conclusões a partir disso. Afirma-se que Jesus teve natureza absolutamente idêntica à dos demais homens e viveu sem pecar provando que todos podem fazer exatamente o mesmo que ele fez. Seria lindo se não fosse trágico. A mesma Ellen White disse que "na natureza pecaminosa o homem não poderia guardar a lei" de Deus (Idem, Patriarcas e profetas, p. 373), anulando completamente todo o raciocínio acima construído. A conclusão é que apesar de Ellen White usar a expressão "natureza pecaminosa" para falar da natureza de Cristo, ela não supõe que isso torne Cristo indistinto dos demais homens em sua natureza, uma vez que essa mesma natureza pecaminosa impossibilitou os homens de guardarem a lei de Deus, o que jamais ocorreu com Cristo. Isso tudo conduz à conclusão de que a "natureza pecaminosa" de Cristo não pode ser entendida como absolutamente idêntica à "natureza pecaminosa" dos demais homens, anulando as interpretações que ensinam o contrário e suas

implicações. Isso não nega que Cristo tenha tido natureza afetada pelo pecado e, portanto, pecaminosa em certo sentido, mas coloca limites a essa realidade e impede inferências equivocadas em torno do fato. Cristo permanece singular em sua natureza humana e em suas consecuções espirituais sem par na história da humanidade. Caso seguirmos essa metodologia em cada tópico de controvérsia, a verdade poderá ser reconhecida de forma cristalina com relativa facilidade.

19. A lei de Deus

A IASD entende que "os grandes princípios da lei de Deus estão incorporados nos Dez Mandamentos e são exemplificados na vida de Cristo". Essa lei se resume em amor e é obrigatória "a todas as pessoas, em todas as épocas" de forma a constituir "a base do concerto de Deus para com seu povo e a norma do julgamento". A lei é um meio que o Espírito Santo usa para convencer do pecado e da necessidade de uma salvação que venha "inteiramente pela graça" e cujo fruto seja demonstrado numa obediência que desenvolva o caráter cristão. Assim, a obediência è lei pela fé "demonstra o poder de Cristo para transformar vidas e fortalece o testemunho" dos salvos.

Ainda que a igreja adventista tenha visão positiva da lei moral de Deus contida nos Dez Mandamentos e da importância de se lhe prestar obediência irrestrita, gerando contra si inúmeras acusações de "legalismo" da parte de outros cristãos, afirma-se que o propósito de tal lei "não é resolver o problema do pecado" (VELOSO, p. 516).

A nota de alerta é importante, pois alguns, imprudentemente, poderiam ser levados a imaginar que a fidelidade à lei divina por parte do povo de Deus apregoada nas Escrituras (Ap 12:17; 14:12; cf. 1 Jo 3:4) revela ou profetiza a existência de seres humanos vitoriosos sobre o pecado em instância definitiva ainda nesse mundo, e, portanto, perfeitos antes da glorificação final, o que é um erro (cf. Ec 7:20; 1 Jo 1:8).

A relação entre obediência à lei e pecado reminiscente nos salvos, porém, é problemática em nível teórico e prático, e conduz a igreja a perplexidades em torno da questão. Como pode ser que pecadores sejam considerados "obedientes" da parte de Deus? Ou como pode que mesmo os mais obedientes dentre os santos e salvos ainda sejam tratados de "pecadores" como os demais homens? A resposta bíblica a esses dilemas não vem em forma de uma satisfação da curiosidade humana em torno da visão divina sobre a condição humana em cada particular relacionado à obediência à lei ou à transgressão que é pecado, mas na forma de uma subversão de qualquer lógica simplista sobre o assunto. Dentro da ampla complexidade reconhecida pelos estudiosos em torno do tema da lei na Palavra do Senhor, vemos, por exemplo, que participar dos rituais de expiação, purificação e perdão dos pecados (cometidos em transgressão da lei) é parte da obediência à lei divina nos tempos antigos (cf. Lv 7:1-10). A participação na expiação do pecado era exigida pela lei e deveria ser repetida pelo menos uma vez por ano e atingia todo o povo de Israel, não restando nenhum "não pecador" que não necessitasse dela comungar (Lv 16:29-34). No Novo Testamento, por sua vez, a

tentativa de alguém em se qualificar como “sem pecado” já é, ela mesma, a prática do pecado da mentira (1 Jo 1:8-10).

Parte importante da resposta ao dilema acima proposto, portanto, é admitirmos que o pecado seja característica intrínseca da humanidade na mentalidade bíblica (excetuando-se aqui unicamente a pessoa de Jesus Cristo). Tal conclusão lança toda a discussão sobre a perfeição humana na Bíblia ao nível da ideia da perfeição relativa no que se refere à vitória sobre o pecado à luz da ideia da obediência à lei de Deus por parte da igreja.

20. O Sábado

A IASD ensina que “o quarto mandamento da imutável lei de Deus requer a observância do sábado do sétimo dia como dia de descanso, adoração e ministério, em harmonia com o ensino e prática de Jesus, o Senhor do sábado”. O fruto de tal prática é traduzido em comunhão com Deus e entre as pessoas. O sábado é símbolo da criação e da redenção e deve ser observado de uma tarde à outra tarde, ou seja, de pôr do sol a pôr do sol.

O sábado do sétimo dia está presente no nome da “igreja remanescente”, tamanha é a sua importância para sua identidade. Considerável parte da teologia e do estilo de vida adventista orbita em torno do sétimo dia como dia de descanso santificado e adoração a Deus em ministério ao próximo. À luz do conceito de que o pecado é “a transgressão da lei” de Deus, a IASD entende que desobedecer a essa ordem conforme os termos específicos ordenados no decálogo é pecado. Assim, qualquer caminhada em direção à “perfeição”

deverá aspirar à observância (perfeita) desse mandamento, mesmo no estado do mundo atual.

Algumas polêmicas em torno de questões a respeito das doutrinas do pecado e da perfeição se amparam na guarda do sábado para se expressarem na mentalidade adventista. Aqueles que defendem a possibilidade de vitória absoluta contra o pecado, por exemplo, perguntam qual seria o sentido de se guardar o sábado (na tentativa de ser fiel a lei de Deus e não pecar mais) uma vez que não se deixa de ser pecador ao se tomar essa decisão de implicações tão complexas no mundo tal qual ele é hoje? A ideia é que a reminiscência do pecado nos salvos desanima os cristãos relativamente a essa questão e supostamente abre uma brecha para que o sábado se torne algo de somenos importância.

Há uma retórica bem desenvolvida entre alguns adventistas na direção de que a guarda do sábado é uma das principais coisas que falta ao mundo cristão em geral para que ele seja fiel a Deus no sentido de vencer o pecado e ser perfeito. Como solução a esse problema, o movimento adventista passar a ser visto e proclamado como a instância onde essa falha pode/deve ser superada.

Entretanto, na tentativa de se encontrar sentido para a condição pecaminosa dos que já se tornaram guardadores do sábado, muitos adventistas lutam para explicar a razão dessa situação e como superá-la. Alguns, com visão mais otimista, tendem a acreditar que os pecados ainda cometidos por seus adeptos e líderes em breve serão coisa do passado. Alguns dos mais pessimistas e agressivos, porém, defendem que os pecados dos adventistas são o triste resultado

da igreja ainda não ter "aceito" poderosas verdades distintivas que supostamente atestam da capacidade humana de parar de pecar e de atingir a perfeição. Comumente, porém, os membros desse segundo grupo também não conseguem convencer os outros membros da igreja de que eles mesmos já pararam de pecar e são perfeitos por terem aceitado plenamente tais possibilidades em nível teórico e já guardarem o sábado, dentre outras coisas.

A guarda do sábado é, sim, parte importante da mentalidade bíblica relativa à criação (Gn 2:1-), à lei (Ex 20:8-11) e à fidelidade devida a Deus, mesmo nos tempos da nova aliança (cf. Tg 2:10-12; Ap 14:6-12), mas não pressupõe necessariamente uma superação definitiva do pecado ou perfeição absoluta da parte daqueles que se submetem à essa ordem divina.

21. Mordomia

A IASD estabelece que os crentes são "despenseiros de Deus", isto é, responsáveis diante do Criador "pelo uso apropriado do tempo e das oportunidades, capacidades e posses, e das bênçãos da terra e seus recursos" que Ele colocou sob seus cuidados. Tal postura envolve fidelidade nos dízimos e nas ofertas e constitui "um privilégio que Deus concede para desenvolvimento do amor e para a vitória sobre o egoísmo e a cobiça".

É impossível falar em pecado e em sua superação na direção da perfeição sem falar em vitória sobre o egoísmo e a cobiça. Tais conceitos são, provavelmente, aqueles que mais se aproximem de uma definição da natureza do pecado em sua essência mais íntima.

Ellen White ensina que o primeiro pecado foi "uma manifestação de egoísmo" (WHITE, Manuscript Releases, v. 7, p. 232), enquanto Paulo usa a ideia da cobiça para se referir à relação primordial e fundamental entre a lei e o pecado (Rm 7:7ss). A ideia da "mordomia cristã" lida com tal questão.

Não existem seres humanos sem pecado. A superação plena da condição pecaminosa humana aguarda a transformação de sua própria natureza, mas muito progresso pode e deve ser feito antes que isso ocorra em grau e sentido definitivo. A administração do tempo, das oportunidades e dos recursos levando em conta as necessidades e salvação dos outros cria um contrapeso importante para a tendência egocêntrica natural e desenvolve o caráter cristão no processo de santificação. Abrir mão de algo que pode beneficiar a si mesmo em favor de outros é dever e privilégio de quem entendeu e aceitou a "lógica" por detrás da encarnação e da cruz. Partilhar responsabilidades pelo avanço do Evangelho no sentido de dedicar a vida inteira à missão de Cristo não significa atingir perfeição ou vitória absoluta contra o pecado antes da vinda do Senhor, mas significa andar humildemente com Deus, de fé em fé e de vitória em vitória até que venha o fim.

22. Conduta cristã

A IASD se identifica como uma comunidade divinamente chamada para ser piedosa, composta de pessoas que pensam, sentem e agem "em harmonia com os princípios bíblicos em todos os aspectos de sua vida pessoal e social". Com o objetivo de terem o

caráter de Cristo recriado neles pelo Espírito Santo, os adventistas afirmam se envolver somente com aquilo que produz pureza, saúde e alegria em suas vidas. Isso implica que seus divertimentos correspondam "aos mais altos padrões do gosto e beleza cristãos". Apesar de diferenças culturais, o vestuário, por exemplo, deve ser "simples, modesto e de bom gosto". Deve-se cuidar do corpo de forma inteligente através de um equilíbrio saudável entre exercício e repouso. A alimentação deve ser "a mais saudável possível", com total abstinência de alimentos considerados imundos na Bíblia. Bebidas alcoólicas, fumo e uso irresponsável de medicamentos devem ser rejeitados por serem prejudiciais ao corpo. Deve haver submissão à "disciplina de Cristo, o qual deseja nossa integridade, alegria e bem-estar".

A chamada "conduta cristã" é conhecida na IASD também como a questão do "estilo de vida adventista". A preocupação com essa questão é uma das mais polêmicas e complexas envolvendo as doutrinas do pecado e da perfeição cristã na igreja. Por detrás das principais dificuldades com esse tópico residem confrontos entre grupos diversos no adventismo que mantêm compreensões diferentes dentro da igreja sobre os padrões práticos na hora de se aplicar "princípios bíblicos" às decisões do dia a dia. Vestuário, alimentação e entretenimento em geral são áreas sensíveis e por vezes geram graves acusações entre os crentes e a falta de revelação bíblica específica em torno de certas práticas torna tudo mais difícil. Mas essa questão que já é suficientemente complicada vai muito além disso.

A tônica otimista e positiva da crença fundamental dizendo que os adventistas se envolvem unicamente com aquilo que produz “pureza, saúde e alegria em suas vidas”, por exemplo, pode ser lida de forma a refletir perigosamente uma cosmovisão profundamente antibíblica e fantasiosa. Pode ser legitimamente defendido que o ideal é que os seguidores do Mestre busquem somente àquilo que é puro e saudável e traz alegria, sem problemas. Mas a existência humana num mundo de pecado e morte não é ideal e impede que qualquer ser humano se envolva somente com o que é bom e positivo na vida, mesmo que essa seja uma aspiração absolutamente digna.

Na busca pela santificação do estilo de vida, muitos membros e líderes da igreja aderem a teorias que definem como pecado aquilo que não está regulamentado claramente pela lei de Deus (contra Rm 4:15). Alguns tentam forçar seus padrões particulares de “decência, modéstia e bom senso” sobre os outros (contra Rm 14:22). Muitos acreditam na obrigatoriedade do vegetarianismo (contra Dt 12:15; Rm 14:2-3). E há aqueles que alertam sobre supostos malefícios de entretenimentos em geral (através de uma má aplicação de textos como 1 Jo 2:15, por exemplo). Frequentemente, a adesão a tais práticas está relacionada por parte de seus adeptos à busca pela perfeição cristã. Muitos adventistas, porém, não reconhecem a legitimidade de tais padrões de comportamento e ignoram-nos tacitamente. É nesse contexto que as maiores polêmicas sobre a questão são vivenciadas dentro da igreja.

Não há uniformidade de pensamento ou prática entre os

adventistas a respeito de tais ideais, mas comumente sobram acusações e suspeitas de ambos os lados. Pessoas mais preocupadas com o estilo de vida são maldosamente chamadas de legalistas/perfeccionistas enquanto os menos preocupados são taxados de liberais/mundanos. O clima não amistoso da discussão só tem o potencial de provar uma única coisa: que todo adventista peca e nenhum é perfeito, independente de que lado esteja nessa querela.

23. O Casamento e a Família

A IASD afirma que "o casamento foi divinamente estabelecido no Éden e confirmado por Jesus como união vitalícia entre um homem e uma mulher". O compromisso matrimonial cristão envolve responsabilidades diante de Deus e do cônjuge e só deve ser assumido entre pessoas que partilham a mesma fé. "Mútuo amor, honra, respeito e responsabilidade" devem refletir "o amor, a santidade, a intimidade e a constância da relação entre Cristo e a igreja". Deus abençoa as famílias e "deseja que seus membros ajudem uns aos outros a alcançar completa maturidade", mas a família de Deus não constitui apenas de pessoas casadas, mas também solteiras.

A partir do simples texto dessa crença fundamental, alguns poderiam inadvertidamente imaginar que as ideias relativas ao casamento e à família têm pouco a nos dizer especificamente a respeito das doutrinas do pecado e da perfeição, mas nada poderia estar mais longe da verdade. A vida em família encerra em si as mais íntimas e complexas realidades humanas em torno dos assuntos que são de nosso interesse aqui.

O pecado, na humanidade, surgiu num contexto de laços familiares (Gn 3:1-6) e se propagada de forma hereditária (Gn 5:3; Rm 5:12, 19). Por outro lado, ao reverter a obra do diabo e do pecado através da obra da salvação, Deus a promete também em contexto familiar (At 16:31) e ordena que os salvos se dediquem de forma especial à sua família em termos fortíssimos (1 Tm 5:8).

Dentre muitas das questões que envolvem uma vida em família, a questão da sexualidade é uma das que melhor pode ilustrar certas dificuldades em torno das doutrinas do pecado e da perfeição. É simples fato que os seres humanos existem como fruto da relação sexual e também é verdade que o pecado nesse quesito marca a história de indivíduos e mesmo de gerações inteiras (cf. Mc 8:38). O sexo não é pecado em si (Hb 13:4), mas é fonte de tentação (Pv 7:4-23), queda (1 Rs 11:4) e perdição (Ap 9:20-21). O próprio diabo é descrito simbolicamente como "sedutor" do mundo (Ap 12:9; 20:10).

Mesmo sem pressupor que todos os seres humanos sem exceção tenham pecados sexuais específicos como fornicação, adultério ou imaginações e intenções pervertidas diversas, é fato que a sexualidade faz parte da natureza das pessoas em todas as etapas de sua existência. Também é verdade que cada um responde a essa questão de forma particular e deve ser respeitado em função de sua identidade e escolhas desde que não firam violenta e criminalmente a liberdade e integridade das outras pessoas. Diante disso, a própria identificação específica de todos os tipos de pensamentos, intenções ou práticas sexuais que podem ser definidas como "pecado", ou exatamente como se define a ideia de uma sexualidade "perfeita"

em cada caso particular é extremamente complexa. Distinguir o que é uma inclinação, imaginação ou vontade sexual legítima em cada etapa da vida de uma pessoa e o que é uma cobiça indigna, fornicação ou adultério virtual nos lança dentro da mente e coração dos seres humanos, terreno muito volátil e perigoso. Não é herético ou permissivo além do bom senso concluir que as imaginações ou desejos de um(a) jovem solteiro(a) possam ser mais curiosas ou mesmo intensas do que as de um(a) idoso(a) que já tenha 15 filhos, 8 netos e 3 bisnetos sem que haja "pecado" da parte de nenhum representante de ambas as faixas etárias. Mas é claro que nada é simples nessa questão e idosos podem ter sexualidade ativa em muitos sentidos acima da de muitos jovens em nosso mundo, assim como é verdade que a naturalidade do descobrimento da sexualidade não faz com que os jovens estejam isentos de pecados em sua postura com o tema.

Aqueles que dentro a IASD defendem que os seres humanos são capazes de vencer o pecado e serem perfeitos nessa direção, frequentemente não se aprofundam nas implicações disso para a sexualidade de tais pessoas. O máximo que comumente se diz é que é plenamente possível não fornicar, adulterar e ser pervertido e não há uma contrapartida sobre como se manifesta uma sexualidade perfeita. Por exemplo, sermos perfeitos em relação à sexualidade reside na negação do sexo ou em levá-lo à perfeição pelo respeito, amor e dedicação prática ao cônjuge? O que seria um sexo perfeito? Algo relacionado a um amor teórico ou a uma performance prática ou às duas coisas? Há mil problemáticas, por exemplo, em solteiros

jovens uma sexualidade perfeita em tese implica em uma experiência completamente diferente de uma sexualidade perfeita em adultos casados ou idosos viúvos, ou em crianças. Cada momento da vida pode definir uma postura natural e saudável diferente do outro, além da discussão se em um mundo de pecado pode haver algo perfeitamente “saudável” numa humanidade corrompida.

Mas as questões vão adiante, e além de dividir a humanidade em grupos e faixas etárias, porém, permanece o fato de que cada um tem uma história que deve ser levada em consideração com a questão. Uma pessoa que já se expôs a milhões de vídeos pornográficos ou alguém que sofreu abuso sexual continuado desde a infância seria capaz de atingir um mesmo “nível” de pureza sexual que alguém que foi criado num contexto onde tais realidades nunca existiram? Deus vê os casos de forma diferente ou o mesmo padrão é exigido de todos independentemente de suas experiências e traumas? Essas são poucas das infinitas questões que podem surgir numa discussão mais séria do tema da sexualidade à luz das questões relativas ao pecado e à perfeição cristã, e a maioria delas não é encarada com profundidade dentro da igreja na atualidade. Estamos há anos luz de discutirmos esse tema de forma bíblica, educativa, sincera e espiritual entre nossos líderes e membros como um todo.

Para além das questões acima colocadas, um dos símbolos mais interessantes do pecado e da redenção em contexto familiar, na Bíblia, tem que ver com a família do patriarca Jacó (posteriormente chamado de Israel). Essa família protagoniza alguns dos relatos mais desordenados e desestruturados de todas as famílias bíblicas do

Antigo Testamento (Gn 28-35), mas se torna o símbolo da fidelidade a Deus no livro do Apocalipse (Ap 7:1-8; 14:1-5). Alguns intérpretes adventistas inclusive acreditam que os cento e quarenta e quatro mil referidos no último livro do cânon representam um povo sem pecado e perfeito, especialmente por sua descrição em Apocalipse 14:4-5 (cf. 7:4-8), mas essa interpretação força o significado da descrição em medida desnecessária. A fidelidade dos cento e quarenta e quatro mil é uma descrição que não foge completamente à descrição do povo de Deus desde o Antigo Testamento (cf. Is 63:8), e não precisa ser interpretada de forma a representar um padrão único ou especial de perfeição para a última geração de crentes que estará viva quando da volta do Senhor.

24. O Ministério de Cristo no Santuário Celestial

A crença fundamental mais peculiar e distintiva da IASD é aquela que se refere ao ministério de Cristo no santuário celestial. A fé adventista indica que ali "Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios de seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas na cruz". A partir de 1844, Cristo "iniciou a segunda e última etapa de seu ministério expiatório, que foi tipificado pela obra do sumo sacerdote no lugar santíssimo do santuário terrestre". Isso indica a existência de uma "obra de juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico, no Dia da Expiação" (cf. Lv 16; 23:26-32). O propósito de um juízo de investigação é definido como revelar aos seres celestiais

quem dentre os mortos dorme em Cristo e quem entre os vivos permanece em Cristo “guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus”, estando, assim, “preparado para a trasladação”. Tal julgamento “vindica a justiça de Deus em salvar os que creem em Jesus”. A terminação do ministério de Cristo no santuário celestial assinala o fim do tempo da graça antes do segundo advento, mas quem permanecer leal a Deus receberá o reino.

De todas as crenças fundamentais da IASD, possivelmente essa é a mais determinante para a sua identidade teológica (cf. HOLBROOK, 2002). A chamada “doutrina do santuário” é fruto de desdobramentos históricos e teóricos que se seguiram imediatamente à experiência do desapontamento em 1844, quando um pequeno núcleo daquilo que viria a ser a igreja adventista do sétimo dia esperava em vão que Jesus retornasse de acordo com sua interpretação particular das profecias bíblicas (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, P. 51-68). Uma explicação bíblica para o fracasso de sua interpretação original se estabeleceu e foi ampliada tendo os livros de Levítico, Daniel, Hebreus e Apocalipse como base principal.

A ideia do ministério sacerdotal de Jesus Cristo no santuário celestial relaciona-se intimamente com as doutrinas do pecado e da perfeição humana. Partindo da revelação de que os sacerdotes do antigo templo de Israel ministravam “em figuras e sombras das coisas celestiais” (Hb 8:5), os adventistas estudaram a dinâmica do culto antigo e ali aprenderam verdades importantes a respeito da expiação do pecado e de sua purificação final em sentido mais amplo. Todo o sistema levítico era dividido em duas fases que ocorriam em

lugares distintos no santuário, chamados "santo" e "santíssimo" (Ex 26:33), esse sistema tinha seu clímax no chamado "dia da expiação" (Lv 16:3-33), quando ocorria a expiação e purificação definitivas em favor dos israelitas penitentes ao fim do ciclo anual das festas pouco antes da festa dos tabernáculos (Lv 23). Aplicando lógica semelhante à era cristã baseados especialmente em Daniel 8-9, os adventistas dividiram a história da igreja em duas fases, aquela antes de 1844 e outra depois. A tese é que após 1844 o mundo vive uma espécie de "dia da expiação" cósmico, universal e definitivo, a ocorrer pouco antes do retorno de Jesus e, aqui, o tema da necessidade de uma "purificação do pecado" surge com força ímpar.

Impulsionados por revelações do livro do Apocalipse que aludem de alguma forma ao dia da expiação (cf. Ap 11:19), os adventistas olharam com admiração para a descrição profética de um povo fiel aos mandamentos de Deus a partir desse contexto (12:17; 14:1-5, 12; 15:2-4; 17:14; 19:8; 20:4; 21:27). A adesão à lei de Deus em questões como a guarda do sábado no sétimo dia da semana (Ex 20:8-11) e a manutenção da distinção entre carnes limpas e imundas (Lv 11) sob o ideal da saúde e fidelidade para com a Palavra de Deus, dentre outros pontos, fez com que a comunidade adventista enxergasse a si mesma como mais próxima da vitória contra o pecado do que qualquer outra geração cristã do passado. Essa ideia, inclusive, se tornou pedra de tropeço, pois pecados como orgulho e exclusivismo foram acariciados por alguns adventistas em nome desse tipo de visão. Também é dentro dessa atmosfera que surge, por exemplo, a "teologia da última geração", a saber, a teoria de

que a última geração, aquela que estará viva quando do retorno de Cristo, poderá e precisará atingir a "purificação" do pecado no dia antitípico da expiação. Ou seja, poderá e precisará experimentar uma vitória definitiva sobre o pecado na forma de uma "perfeição". Tal experiência seria necessária para a preparação para a vinda do Senhor e supostamente vindica a justiça e santidade da lei de Deus perante o universo. Alguns adventistas, inclusive, acreditam que unicamente essa mensagem represente fielmente o chamado e a convicção teológica genuinamente adventistas.

Dentro da IASD, porém, as convicções próprias à teologia da última geração a partir da doutrina do santuário são acusadas de "perfeccionismo" e não são compartilhadas por todos. Muitos teólogos, administradores, líderes e leigos dentro da igreja adventista veem tais convicções simplesmente como fruto de más interpretações, extremismo e desequilíbrio. Sem jamais rejeitar a crença fundamental em torno do ministério bifásico de Cristo no santuário do céu, muitos adventistas advertem que a "preparação para a trasladação" ocorre dentro do prisma de que a salvação é concedida a pecadores pela graça de Deus mediante a fé e não por obras humanas (Ef 2:8-9). Sendo assim, aparentemente não há razão para se defender que a última geração terá qualquer vantagem ou desvantagem em relação às outras gerações. A conclusão é que tal geração não será salva por qualquer método especial de salvação da parte de Deus. A fidelidade dos salvos em gratidão pela redenção é real, importante e bíblica (Ef 2:10), mas não é absolutamente perfeita no sentido de colocá-los acima da humanidade pecadora

em impecaminosidade definitiva. Essa não é a mensagem da Palavra de Deus para os salvos nesse particular (cf. 1 Jo 1:8ss).

Rodríguez (2011, p. 431, grifo nosso) diz que o estudo da doutrina do santuário "fornece melhor compreensão do plano de Deus para a resolução final do problema do pecado por meio de Cristo". Dessa forma, a ideia de que a última geração vindica a lei de Deus diante do universo é problemática ao extremo e se afasta daquilo que a crença fundamental diz a esse respeito. A genuína fé adventista ensina que o juízo vindica a justiça de Deus em salvar pecadores crentes em Cristo e nada fala sobre uma vindicação da lei divina da parte de uma geração que deixa de ser pecadora ao se tornar perfeita antes da vinda do Senhor.

A mensagem contida no tema do santuário é profunda e ampla. Demonstra didaticamente a grave seriedade do pecado e a importância da expiação pelo sangue do cordeiro inocente e perfeito. Além disso, o santuário fala da necessidade santificação através da transformação purificadora da graça de Deus sempre em perspectiva da superação do pecado na vida humana. O ciclo anual repetitivo, porém, ensinava a lição de que todos os membros do povo de Deus individualmente precisavam de perdão e purificação de seus pecados sempre e novamente, pois eram pecadores imperfeitos e não o deixavam jamais de ser. Isso não se parece em nada com um povo que adquire natureza e conduta perfeitas após os rituais do dia da expiação.

Deduzir que uma purificação completa do pecado que conduz à perfeição humana nesta vida será desfrutada somente pela

última geração cria confusão sem fim. Se tal teologia devesse ser levada a sério deveríamos, por exemplo, reconhecer que a própria mensagem da universalidade do pecado na Palavra de Deus (cf. Ec 7:20) se aplicaria somente às gerações anteriores e não à última e as consequências disso são tenebrosas. Em resumo, a última geração não poderia encontrar na Bíblia a verdade de Deus nesse ponto específico e a partir disso se torna nebuloso se a mesma negação de outras doutrinas bíblicas não poderia ser advogada, destruindo assim a própria noção da unidade entre revelação bíblica divina e verdade (cf. Jo 17:17). O resultado de toda essa teoria é apenas um, o afastamento do "assim diz o Senhor", esse é a caminho irreversível da má interpretação da doutrina do santuário proposta pela teologia da última geração.

25. A Segunda Vinda de Cristo

A IASD proclama a segunda vinda de Jesus Cristo como "o grande ponto culminante do evangelho". É afirmado que a volta do Senhor será "literal, pessoal, visível e universal". A igreja entende que as profecias bíblicas já foram quase cumpridas em sua totalidade e que a condição atual do mundo indica que tal evento está próximo, ainda que "o tempo exato desse acontecimento não foi revelado". A conclusão é que devemos estar preparados em todo o tempo.

O retorno de Jesus Cristo ao mundo é um tema que suscita as mais sublimes esperanças da parte da igreja. Inseparável ao tema da segunda vinda de Jesus está toda a teologia bíblica da identidade de Cristo como Deus feito homem (Jo 1:1, cf. At 1:11) para a redenção

da humanidade. Essa redenção foi realizada nos eventos relativos à sua encarnação, vida sem pecado, morte, ressurreição e exaltação e será consumada definitivamente em seu retorno glorioso e nos eventos que se seguirão. As respostas aos inúmeros e complexos dilemas relativos ao pecado e à imperfeição no mundo aguardam esse momento para se tornarem objeto de revelação direta naquilo que se seguirá a esse evento sobrenatural que porá um fim na presente ordem de coisas. Cristo não voltará para tornar a resolver o problema do pecado já redimido na cruz (Hb 9:28; cf. Jo 19:30), mas virá na glória do Pai e dos anjos (Mt 16:27; Mc 8:38; Lc 9:26) para trazer o Reino de Deus mediante o juízo final sobre tudo e todos (2 Tm 4:1; 2 Co 5:10). Paulo descreve essa intervenção como a vinda daquilo que é perfeito que finalmente aniquilará a imperfeição (1 Co 13:10).

Apesar da linguagem humana comumente designar como "perfeito" quem não é perfeito em absolutamente tudo, mas simplesmente possui atributos como beleza, riqueza, sabedoria, força ou outras quaisquer outras que sejam valorizadas por alguém, é fato que as pessoas reconhecem imperfeições em si e em todas as outras ao seu redor. A revelação da imperfeição pecaminosa e culposa que desvenda a maldade humana em sua natureza mais íntima, porém, não é tão facilmente admita por todos sem exceção, mas a declaração de sua realidade a partir da inspiração bíblica é suficiente para que a igreja a pregue como verdade. Além disso, um olhar mais atento à vida e caráter das pessoas em geral ou em específico termina infalivelmente corroborando o diagnóstico da revelação. É

importante perceber que antes da volta de Jesus, portanto, qualquer dimensão de perfeição humana só pode ser experimentada em sentido relativo, limitado, pois todos os "perfeitos" permanecem pecadores até a transformação de sua natureza.

Paulo diz que é após a descida de Cristo dos céus que os mortos (aqueles que forem justos/salvos, conforme o livro do Apocalipse, 20:5-6) ressuscitarão e os vivos salvos serão transformados para o encontro com o Senhor nos ares (1 Ts 4:17-18). Essa transformação é conhecida teologicamente como "glorificação" e é ela que marca a transição dos crentes da realidade do pecado e da sujeição à morte para a experiência da perfeição absolutamente livre de pecado e da imortalidade (cf. 1 Co 15:42-57).

26. Morte e Ressurreição

A IASD defende que "o salário do pecado é a morte", mas "Deus, o único que é imortal, concederá a vida eterna a seus remidos". Até o dia da ressurreição a morte é experimentada como "estado inconsciente". Quando Cristo retornar haverá a primeira ressurreição e a segunda ressurreição ocorrerá mil anos mais tarde.

A conexão entre morte e pecado é extremamente elucidativa em torno da doutrina da perfeição por uma razão muito simples. Sendo que a morte é fruto do pecado em sentido geral (Rm 6:23), quando em sentido pessoal (Rm 5:12), segue-se que nenhuma pessoa mortal pode viver numa condição de perfeição sem pecado. Como aponta Tomás de Aquino em suas questões disputadas a respeito da verdade: "o homem neste estado não pode evitar morrer. Logo,

nem pode evitar pecar” (AQUINO, 2015, p. 173). Adiante, o grande teólogo medieval esclarece sua argumentação dizendo que “a necessidade de morrer é concomitante à necessidade de pecar venial ou mortalmente”, mas identifica a Cristo como exceção nessa relação entre pecado e morte em função dele ser pessoa “privilegiada” (AQUINO, 2015, p. 186).

A morte é uma das facetas mais complexas da experiência do pecado tal qual a Bíblia nos descreve. Apesar dela parecer ser perfeitamente “natural” para nossa experiência da realidade, a Bíblia aponta sua origem e natureza como uma descontinuidade da criação de Deus em função de rebelião pecaminosa. Essa ideia tem profundas implicações para nosso entendimento do mundo.

A perspectiva de que toda a nossa identidade, consciência, memória, sentimentos e sensações são, com a morte, relegadas ao nada (cf. Ec 9:5-6), nos confronta com a pergunta mais difícil de todas, pelo próprio sentido da vida. A revelação de que a morte transforma “tudo” em “nada” na experiência daquele que morre clama pela ressurreição como solução do maior de todos os problemas humanos. Essa solução se tornou uma esperança “viável” pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos (cf. 1 Pe 1:3), o único que morreu, não em função de seus próprios pecados segundo a lógica de Romanos 5:12, mas pelos nossos pecados, “e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (1 Jo 2:1).

27. O Milênio e o Fim do Pecado

Na teologia adventista, o período de mil anos referido em Apocalipse 20 se refere ao "reinado de Cristo com os santos no céu, entre a primeira e a segunda ressurreição". Naquele tempo a terra estará totalmente desolada e sem seres humanos e servirá como prisão para Satanás e seus anjos. Ao final desse período a cidade santa descerá dos céus com Cristo, os anjos e os salvos e, então, os ímpios mortos ressuscitarão, mas fogo da parte de Deus consumirá o mal e, a partir daí "o universo ficará eternamente livre do pecado e dos pecadores".

Os eventos relacionados ao "milênio" de Apocalipse 20 na teologia adventista marcam um período de transição prática da esfera do pecado para a esfera da perfeição absoluta para os redimidos em Cristo. O milênio se inicia a partir da segunda vinda que marca a "glorificação" dos salvos na transformação de sua natureza e erradicação da presença do pecado em sua natureza e experiência de vida. A partir desse fato extraordinário, todos os salvos de todos os tempos tomam sua parte designada por Deus no desenrolar final de toda a experiência do mal (cf. 1 Co 6:3). A partir do chamado "juízo de comprovação", todos os salvos são capacitados a entender a justiça e o amor de Deus para com os perdidos de forma que nenhuma dúvida permaneça sobre a postura de Deus em relação a eles, isso de maneira a absolver a Deus de qualquer impressão de arbitrariedade ou maldade em qualquer sentido ou momento da história do pecado e da redenção.

Esse processo termina com o mal sendo: desmascarado em

sua natureza essencial (Ap 20:7-8); punido severamente (20:10); consumido (Ap 20:9); e destruído eternamente no fogo (20:14). Profeticamente, Malaquias diz que dessa experiência não restará ao pecado "nem raiz nem ramo" (Ml 4:1). O pecado será superado em definitivo e a perfeição eterna será o destino daqueles que amaram a Deus e uns aos outros como a si mesmos, resumo de toda lei e palavra de Deus (Mt 22:36-40).

28. A Nova Terra

As crenças fundamentais da IASD terminam enfatizando a nova criação, uma nova terra onde habita a justiça. Afirma-se que "Deus proverá um lar eterno para os remidos e um ambiente perfeito para a vida, amor, alegria e aprendizado eternos em sua presença". O grande conflito entre o bem e o mal estará terminado "e não mais haverá pecado".

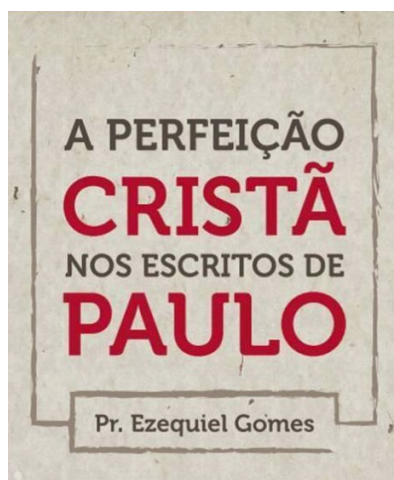
Com a existência de um novo céu e de uma nova terra estará terminada para sempre a experiência do pecado e só restará às criaturas de Deus a perfeição absoluta e sem fim. É somente a partir dessa perspectiva que podemos não nos desesperar irremediavelmente em função da realidade do mal, pecado, sofrimento e morte. É ali que Deus vai nos consolar definitivamente de tudo o que passou (cf. Is 66:13).

Antes que Jesus Cristo retorne, só nos resta lutar perseverantemente contra o pecado e imperfeição que há em nós e em todos ao nosso redor com as armas espirituais do perdão (Cl 3:13), da esperança (1 Jo 3:3) e da fé que se manifesta em amor (Gl

5:6; cf. 1 Co 13:13). Ainda que não devamos acariciar expectativas vãs em torno de uma “vitória” contra o pecado que demonstre ser somente uma ilusão, ao mesmo tempo devemos fugir da tentação de justificar qualquer transgressão ou vício em função da imperfeição que inevitavelmente nos acompanhará até a transformação final.

Com essa crença fundamental, a IASD estabelece um tom extremamente positivo e esperançoso em torno da ideia da perfeição eterna em superação completa do pecado e do mal, mas o faz sem prometer ou implicar que a luta será menos complexa ou difícil do que a Bíblia indica que ela será antes que venha o fim. Não há, nesse mundo, local ou ocasião de repouso em torno de nossa santificação e vitórias em geral. Ainda há maiores alturas a alcançarmos e será assim a cada passo que avançarmos sem jamais chegar ao fim antes da transformação de nossa natureza, mas a boa notícia é que essa transformação está prometida na infalível Palavra do Senhor (Jo 10:35) e será cumprida num piscar de olhos (1 Co 15:51-57) quando o momento certo chegar, e que chegue muito em breve. Amém! Ora, Vem Senhor Jesus! (Ap 22:20).

Gostou?

Conheça mais obras do autor:

Adquira através do e-mail:
ezeksalt@hotmail.com

Graça e Paz!

Bibliografia

DEDEREN, Raoul. **A igreja**. In: DEDEREN, Raoul (ed.). Tratato de Teologia Adventista. Casa Publicadora Brasileira, 2011.

DUNN, George A. **O grande conlito**: Ellen White. In: ARP, Robert. 1001 ideias que mudaram nossa forma de pensar. Sextante, 2014.

GOMES, Ezequiel. **O fechamento da porta da graça**: breve fundamentação bíblica a partir do livro de apocalipse. Revista Kerygma, 2014.

__________. **É desonesto aplicar o termo "perfeccionista" ao pós-lapsariano?** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mDx45vz9fBk> Acesso em: 23/04/2017.

HORN, Sigfried. **Seventh-day adventist bible dictionary**. Revised edition. Review and Herald Publishing Association, 1979.

KNIGHT, George R. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Casa Publicadora Brasileira, 2005.

LARONDELLE, Hans K. **Perfection and Perfectionism: A Dogmatic Ethical Study of Biblical Perfection and Phenomenal Perfectionism**. Andrews University Press, 1985.

__________.**O remanescente e as três mensagens angélicas.** In: DEDEREN, Raoul (ed.). Tratato de Teologia Adventista. Casa Publicadora Brasileira, 2011.

LIVINSTON, Neil C. **A grande conspiração: a contenda de**

Satanás contra a mensagem dos três anjos no século XX. Diponível em: <http://www.adventistas-historicos.com/arquivos/A_Grande_Conspiracao.PDF> Acesso em: 23/04/2017.

MICHAELS, J. Ramsey. 1 Peter: **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word, 2002

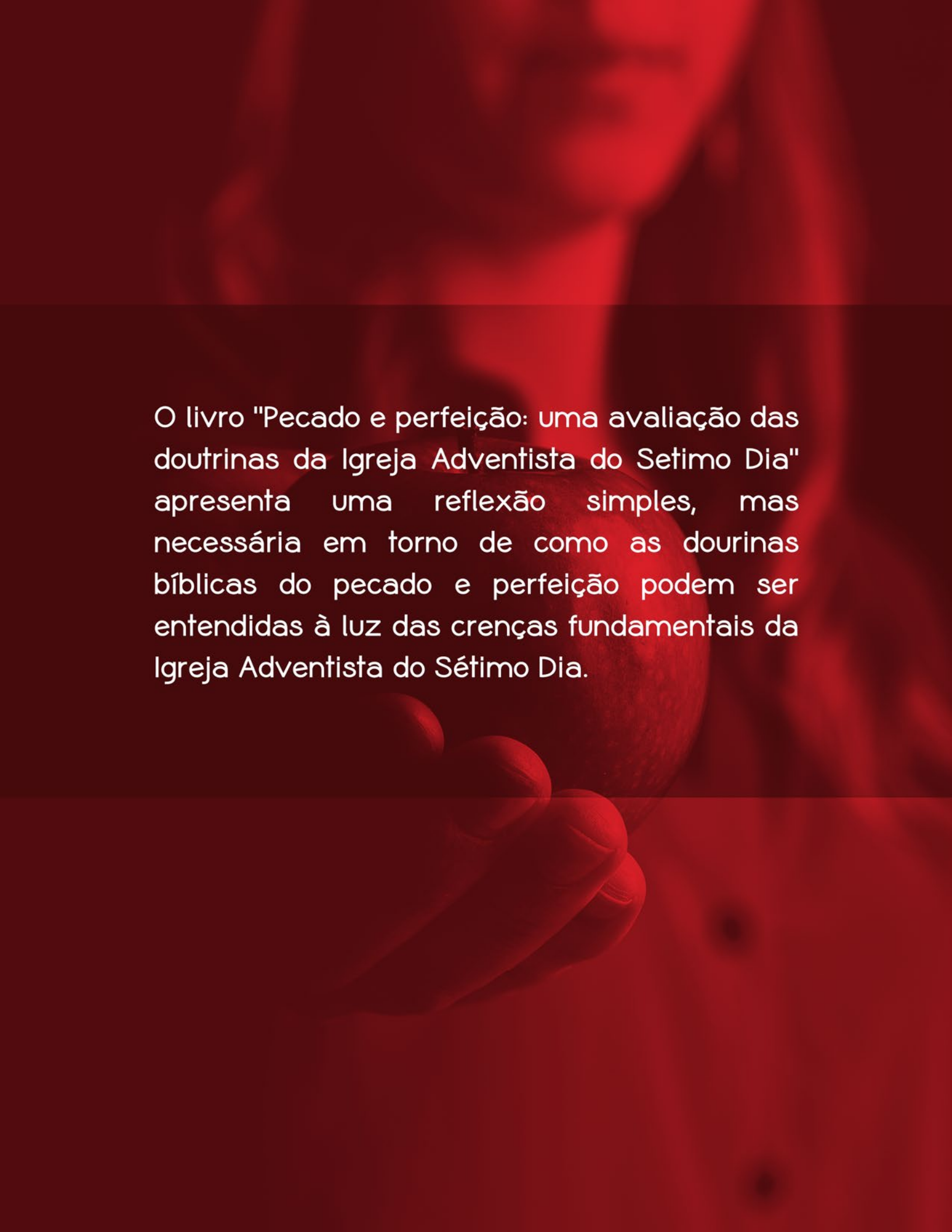
NOBLE, Thomas A. **Trindade santa Povo santo: a teologia da perfeição cristã.** Sal Cultural, 2015.

OLSON, Roger. **A história da teologia crista: 2000 anos de tradição e reformas**. Vida Acadêmica, 2001.

PFANDL, Gerhard. **Alguns pensamentos sobre pecado original.** Disponível em: <https://www.adventistbiblicalresearch.org/sites/default/files/pdf/Alguns%20pensamentos%20sobre%20Pecado%20Original.pdf> Acesso em: 2404/2017.

RODRÍGUEZ, ÁNGEL M. Santuário. In: Dederen Raoul (ed.). **Tratado de teologia adventista**. Casa Publicadora Brasileira, 2011.

__________. **O remanescente do fim e a igreja cristã.** In: RODRÍGUEZ, ÁNGEL M. (org.). Teologia do remanescente: uma perspectiva eclesiológica adventista. Casa Publicadora Brasileira, 2012.

TIMM, Alberto R. **Escatologia adventista do sétimo dia, 1844-2004: breve panorama histórico.** Unaspress, 2004.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. **O livre-arbítrio: Quaestiones disputate De Veritate: questão 24.** Tradução, edição e notas Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. Edipro, 2015.

VELOSO, Mario. **A lei de Deus.** In: DEDEREN, Raoul (ed.).

Tratato de Teologia Adventista. Casa Publicadora Brasileira, 2011.

WARFIELD, Benjamin B. **Studies in perfectionism**. Presbyterian & Reformed Pub Co, 1958.

WHIDDEN, Woodrow W. Ellen White e a humanidade de Cristo: **Cristo veio ao mundo com a natureza de Adão antes ou depois da queda?** Casa Publicadora Brasileira, 2004.

O livro "Pecado e perfeição: uma avaliação das doutrinas da Igreja Adventista do Setimo Dia" apresenta uma reflexão simples, mas necessária em torno de como as dourinas bíblicas do pecado e perfeição podem ser entendidas à luz das crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia.